

**ANAIS**

**III Seminário Regional sobre**

# **Atendimento Educativo Hospitalar**

**III Fórum sobre Atendimento  
Educativo Hospitalar e  
Domiciliar do RN**



**Reitora**

Ângela Maria Paiva Cruz

**Vice-Reitor**

José Daniel Diniz Melo

---

**Diretoria Administrativa da EDUFRN**

Luis Álvaro Sgadari Passeggi (Diretor)

Wilson Fernandes de Araújo Filho (Diretor Adjunto)

Juditha da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

**Conselho Editorial**

Luis Álvaro Sgadari Passeggi (Presidente)

Alexandre Reche e Silva

Amanda Duarte Gondim

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Anna Cecília Queiroz de Medeiros

Anna Emanuella Nelson dos Santos Cavalcanti da Rocha

Arrailton Araujo de Souza

Carolina Todesco

Christianne Medeiros Cavalcante

Daniel Nelson Maciel

Eduardo Jose Sande e Oliveira dos Santos Souza

Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz

Francisco Dutra de Macedo Filho

Francisco Welson Lima da Silva

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Glória Regina de Góis Monteiro

Heather Dea Jennings

Jacqueline de Araujo Cunha

Jorge Tarcísio da Rocha Falcão

Juciano de Sousa Lacerda

Julliane Tamara Araújo de Melo

Kamyla Alvares Pinto

Luciene da Silva Santos

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Zikan Cardoso

Marcos Aurélio Felipe

Maria de Jesus Gonçalves

Maria Jalila Vieira de Figueiredo Leite

Marta Maria de Araújo

Mauricio Roberto Campelo de Macedo

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Regina Simon da Silva

Richardson Naves Leão

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Samuel Anderson de Oliveira Lima

Sebastião Faustino Pereira Filho

Sérgio Ricardo Fernandes de Araújo

Síbele Berenice Castella Pergher

Tarciso André Ferreira Velho

Teodora de Araújo Alves

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago Rocha Pinto

Veridiano Maia dos Santos

Wilson Fernandes de Araújo Filho

---

**Conselho Técnico-Científico – SEDIS**

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo – SEDIS (Presidente)

Aline de Pinho Dias – SEDIS

André Moraes Gurgel – CCSA

Antônio de Pádua dos Santos – CS

Célia Maria de Araújo – SEDIS

Eugênia Maria Dantas – CCHLA

Ione Rodrigues Diniz Moraes – SEDIS

Isabel Dillmann Nunes – IMD

Ivan Max Freire de Lacerda – EAJ

Jefferson Fernandes Alves – SEDIS

José Querginaldo Bezerra – CCET

Lilian Giotto Zaros – CB

Marcos Aurélio Felipe – SEDIS

Maria Cristina Leandro de Paiva – CE

Maria da Penha Casado Alves – SEDIS

Nedja Suelly Fernandes – CCET

Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim – SEDIS

Sulemi Fabiano Campos – CCHLA

Wicliffe de Andrade Costa – CCHLA

---

**Secretária de Educação a Distância**

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

**Secretária Adjunta de Educação a Distância**

Ione Rodrigues Diniz Moraes

**Coordenadora de Produção de Materiais Didáticos**

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

**Coordenadora de Revisão**

Maria da Penha Casado Alves

**Coordenador Editorial**

José Correia Torres Neto

**Gestão do Fluxo de Revisão**

Rosilene Paiva

---

**Revisão Linguístico-textual**

Margaret Pereira Dias

**Design**

André Soares

**Diagramação**

Camilla Serejo

**Revisão Tipográfica**

Géssica de Araújo Silva

## **Anais do III Seminário Regional sobre Atendimento Educacional Hospitalar e III Fórum sobre Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN**

Nos últimos anos, observamos, em âmbito nacional, uma maior movimentação em torno da divulgação e práxis pedagógica no ambiente ambulatorial e hospitalar, sobretudo no que diz respeito à articulação entre os profissionais e pesquisadores na área do atendimento educacional hospitalar. No entanto, no Estado do Rio Grande do Norte, esse movimento ou essa articulação ainda se apresenta de maneira embrionária. Diante disso, constatamos a relevância de promover Seminários que vislumbrem discutir questões acerca da atuação do pedagogo no ambiente ambulatorial e hospitalar em diferentes espaços educativos, destacando: a classe hospitalar, a brinquedoteca, o apoio pedagógico, dentre outros; bem como o que diz respeito à política de formação de profissionais, especificamente aqui o pedagogo, para atuação nesses espaços educativos.

Nesse sentido, foi realizado nos dias 30 e 31/05/2012 o I SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR e o II SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES QUE

ATUAM NAS CLASSES HOSPITALARES DO RN. Devido à grande repercussão e relevância do evento discutimos a importância de realizá-lo com certa periodicidade (em torno de dois em dois anos), levando em consideração a necessidade de socializarmos pesquisas e práticas pedagógicas realizadas no âmbito hospitalar. Sendo assim, realizamos nos dias 26, 27 e 28 de maio de 2015, o II SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR e o III SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES QUE ATUAM NAS CLASSES HOSPITALARES DO RN, configurando-se como um espaço construído para o diálogo com/entre os profissionais de diferentes áreas de atuação e partes do Estado e de outros lugares do Brasil, acerca das práticas vigentes no ambiente hospitalar, como direito de escolarização das crianças e adolescentes.

Nessa perspectiva propomos, em parceria com o Programa de Formação Continuada do Centro de Educação (PROFOCO/CE/UFRN) e com as Secretarias de Educação – SEEC/RN e SME - Natal/

RN, nos dias 9 e 10 de novembro de 2017, o III SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E III FÓRUM SOBRE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN, pois coloca-se cada vez mais como indispensável essa discussão e troca, para o favorecimento e a garantia do direito de acesso à escolaridade a todas as crianças e adolescentes em situação de hospitalização no Nordeste Brasileiro, especialmente no Estado do Rio Grande do Norte.

Como fruto dessas trocas, especificamente durante as comunicações orais/relatos de experiências, compartilhamos aqui nessa publicação os resumos expandidos dos trabalhos apresentados durante o evento.

**Jacyene Melo de Oliveira Araújo**

Coordenadora Geral do III SAEH

# SUMÁRIO

<b>EIXO TEMÁTICO 1: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR</b>	<b>07</b>
DESAFIOS E POSSIBILIDADES COMO PASSO INICIAL À EDUCAÇÃO FORMAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE CLASSE HOSPITALAR	<b>08</b>
A ESCOLA NO HOSPITAL - UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO ESPAÇO HOSPITALAR NA CIDADE DO NATAL	<b>11</b>
A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO SOBRE A CLASSE HOSPITALAR	<b>14</b>
CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS: APROXIMANDO DE CLASSES HOSPITALARES BRASILEIRAS	<b>18</b>
RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO DIANTE DA MORTE: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM UMA CLASSE HOSPITALAR	<b>23</b>
CONHECENDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR PEDAGOGOS EM AMBIENTE HOSPITALAR	<b>27</b>
A LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁXIS PEDAGÓGICAS NO ATENDIMENTO DOS ALUNOS: NA CLASSE HOSPITALAR DO HOSPITAL GISELDA TRIGUEIRO	<b>31</b>
LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANALISANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL À CRIANÇAS DE ZERO A CINCO ANOS EM UMA CLASSE HOSPITALAR NA UNIDADE DE PEDIATRIA DO HUOL/EBSERH/UFRN	<b>34</b>

LEITURA E ESCRITA NA CLASSE HOSPITALAR (LIGA) – CACC	<b>38</b>
ESTREITANDO LAÇOS ENTRE A PRÁTICA EDUCATIVA HOSPITALAR E A ESCOLA REGULAR	<b>44</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DO HOSPITAL	<b>47</b>
ORIENTAÇÃO FAMILIAR NO CONTEXTO DE HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA	<b>51</b>
ATENDIMENTO PEDAGÓGICO AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO HUOL	<b>54</b>
<b>EIXO TEMÁTICO 2: FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR</b>	<b>57</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE CLASSES HOSPITALARES E DOMICILIARES: PRÁXIS DO NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN	<b>58</b>
FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGENS COM CRIANÇAS EM CLASSES HOSPITALARES	<b>62</b>
EXPERIÊNCIAS COM PROFESSORAS EM CLASSES HOSPITALARES: APRENDIZAGENS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DOCENTE	<b>66</b>
O “SER” PROFESSOR NA CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR	<b>69</b>

<b>EIXO TEMÁTICO 3: OLHARES DA INFÂNCIA NUMA PERSPECTIVA MULTIPROFISSIONAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR</b>	<b>72</b>
<b>A LITERATURA INFANTIL NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES (HUOL)</b>	<b>73</b>
<b>NARRATIVAS INFANTIS – O QUE NOS CONTAM AS CRIANÇAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO SOBRE A INSERÇÃO E A REINSERÇÃO ESCOLAR</b>	<b>77</b>
<b>EIXO TEMÁTICO 4: POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR</b>	<b>80</b>
<b>NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: O QUE NOS DIZEM OS JOVENS SOBRE A INFÂNCIA COM DOENÇA CRÔNICA</b>	<b>81</b>
<b>DIREITO À INSALUBRIDADE: REALIDADE DOS PROFESSORES DE CLASSES HOSPITALARES EM TERRITÓRIO NACIONAL</b>	<b>84</b>
<b>O PERFIL DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR EM RECIFE</b>	<b>87</b>

**EIXO TEMÁTICO 1: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR**

## **DESAFIOS E POSSIBILIDADES COMO PASSO INICIAL À EDUCAÇÃO FORMAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE CLASSE HOSPITALAR**

**Hemaúse Emanuele da Silva<sup>1</sup>**

**Juliana Nogueira Torres<sup>2</sup>**

---

O estudo surgiu de experiências de uma professora em atendimento educacional hospitalar com crianças que tem o seu contato inicial com a educação normal no ambiente da classe hospitalar, que é uma área de atuação educacional que, dentre seus objetivos, a sua principal finalidade é assegurar o direito de atendimento pedagógico para alunos que se encontram em tratamento de saúde. Ao adentrar no contexto da pedagogia hospitalar, o educador terá um papel fundamental para o processo de humanização das relações sociais que se constituem nesse espaço educacional e reconhecer que o sujeito não deve ser compreendido apenas pela ótica da patologia. Pelo contrário, é importante

tratá-lo de forma integral, analisando que este ser humano é tanto objetivo quanto subjetivo, racional e afetivo ao mesmo tempo. Nesse aspecto, a criança deve ser compreendida como um ser que está em processo de formação, são as experiências vivenciadas em sociedade que irão contribuir para o desenvolvimento enquanto ser humano. Isto é, de acordo com Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano não está pronto, ou seja, não é inato. Ele vai se constituindo nas atividades e relações sociais. Pensando essa constituição do sujeito, a instituição escolar é algo primordial para esse processo. Assim, a escola possibilitará a criança participar de situações de escolhas que irão contribuir para o seu futuro como cidadã,

começando a entender o seu papel na sociedade e a interagir com seus colegas. Nesse aspecto é que refletimos sobre as crianças que, ao contrário das que estão sendo inseridas em creches ou escolas infantis, estão tendo seu primeiro contato escolar dentro de uma classe hospitalar. Local em que essa criança terá que, em muitas situações, permanecer isoladas, sem contato com os seus pares, por motivos próprios da sua patologia, ou seja, a criança poderá em determinados momentos, ter uma mudança na constituição de sua identidade. Diante disso, este artigo vem discutir sobre os desafios e possibilidades vivenciadas por uma educadora de classe hospitalar, que dentre esses será de adaptação do currículo pedagógico

---

<sup>1</sup> Professora da Classe Hospitalar da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer de Mossoró e Região AAPCMR. E-mail: hemauese@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Classe Hospitalar da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer de Mossoró e Região AAPCMR. E-mail: julitorres23@hotmail.com

para essa criança, respeitando todos os seus direitos entre eles o de brincar mesmo que o tempo e o espaço não esteja propício para essa finalidade. Assim, objetivamos discutir sobre os desafios e possibilidades vivenciados por essa professora hospitalar acerca da isenção de crianças que estão em tratamento de saúde com o contexto da educação formal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque no estudo de caso. As discussões teóricas estabelecidas em paralelo com as vivências práticas nos conduziram a pensar a necessidade de adaptar o currículo escolar para atender às crianças que estão tendo o seu primeiro contato com a educação formal no contexto da pedagogia hospitalar. A criança que se encontra na educação infantil deve estar inserida em um currículo que seja articulado de acordo com as Diretrizes Curriculares para essa modalidade de ensino, que no caso se configura como sendo o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) que é um documento que estabelece as principais diretrizes para a educação infantil. No caso, a criança que se encontra em tratamento de saúde deve ter o seu direito de estar inserida em um ambiente educacional, que possa oferecer

instrumentos que favoreça o desenvolvimento desse sujeito. De fato, a atuação pedagógica no contexto do atendimento educacional hospitalar é algo que tem as suas especificidades. Isto é, o próprio ambiente, por ser um espaço não comum a prática educativa, em que a prioridade central estabelecida é o tratamento a saúde dos sujeitos que permeiam essa atmosfera. No entanto, a educação está inserida neste contexto como estratégia de enfrentamento ao adoecimento e a própria hospitalização. Dessa forma, o professor deve apresentar práticas prazerosas, para que a criança nessa situação possa se sentir segura e confiante naquele novo espaço em que está inserida.

**Palavras-chave:** Práticas Educativas. Criança. Classe Hospitalar.

## REFERÊNCIAS

---

ALBERTONI, Léa Chuster. **A inclusão escolar de alunos com doenças crônicas**: professores e gestores dizem que... Curitiba: Appris, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/me000423.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no âmbito hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

SILVA, Andréia Gomes; ROCHA, Simone Maria da. Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar no Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCADORES, 12., 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18342\\_10052.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18342_10052.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ROCHA, Simone Maria da. **Narrativas Infantis**: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar. 2014. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## **A ESCOLA NO HOSPITAL - UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO ESPAÇO HOSPITALAR NA CIDADE DO NATAL**

**Paolla Mahara Baracho Pinheiro<sup>1</sup>** – SEEC/RN/UFRN

**Senadaht Barbosa Baracho Rodrigues<sup>2</sup>** – SEEC/RN – PPGED/UFRN

Mesmo fazendo parte da existência humana, o adoecimento, em qualquer fase da vida – seja em plena infância, na seja juventude ou seja até mesmo na velhice –, implica sofrimentos físicos, emocionais e afetivos. Quando o diagnóstico revela uma doença grave, vivenciar a hospitalização e seus procedimentos invasivos e dolorosos leva a pessoa enferma a romper com suas práticas cotidianas e isolar-se, muitas vezes, em um mundo de dor e solidão. O diagnóstico de uma doença grave pode simbolizar o desconhecido, o perigoso, o sofrimento, a dor e a culpa (RODRIGUES; PASSEGGI, 2017). Essas questões crescem consideravelmente em intensidade e afetividade quando a pessoa que adoece é uma criança ou um adolescente. Baseado em uma visão inte-

gral do sujeito enfermo e defendendo a manutenção da escolarização como sendo algo importante em seu processo de cura, o trabalho pedagógico em ambiente hospitalar ocorre para garantir o direito das crianças e adolescentes em tratamento de saúde a darem continuidade ao processo de escolarização em um ambiente, historicamente pensado apenas para tratamento médico. Essa visão global da criança enferma, que ultrapassa apenas o olhar biomédico e alcança a esfera educacional, tem exigido uma ampliação nas reflexões acerca da formação dos professores que atuam e que irão atuar nas classes hospitalares, uma vez que são/serão esses sujeitos os mediadores no processo de ensino e aprendizagem da criança hospitalizada. Segundo Passeggi,

Oliveira e Rocha (2015, p. 27576) “a formação de professores de classes hospitalares, por suas próprias peculiaridades, apresenta-se como um campo aberto para as mais diversas áreas da pesquisa educacional”. Neste trabalho, temos por principal objetivo refletir acerca da prática pedagógica na classe hospitalar de um hospital oncopediátrico, localizado na cidade do Natal. As discussões aqui tecidas são frutos de nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa que, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas com duas docentes atuantes nesse campo, busca entender melhor como se dá a prática docente

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual do RN. E-mail: p.mahara@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Rede Estadual do RN. Doutoranda em Educação – PPGEd/UFRN. E-mail: senadaht@yahoo.com.br

nesse ambiente. Foram elaboradas nove perguntas, minuciosamente pensadas para atender aos objetivos do trabalho: Qual a sua formação, tempo de atuação como professora e tempo que trabalha na classe hospitalar? Como você conheceu a classe hospitalar? Como é desenvolvida a rotina com os educandos? De que maneira é realizada a prática pedagógica na classe hospitalar? Qual a importância de se ter um profissional de educação em um ambiente hospitalar? Qual o aprendizado mais significativo durante sua prática pedagógica enquanto docente na classe hospitalar? Qual o maior desafio em atuar em uma classe hospitalar? Para você o que é ser professora de uma classe hospitalar? Como ocorre o retorno da criança e do adolescente hospitalizado à escola regular? As entrevistas, realizadas em dias e locais diferentes, foram gravadas em áudio e, em seguida, transcritas. A proposta de análise teórica do campo empírico recorreu à revisão bibliográfica sobre: a Classe Hospitalar, a Criança e o Adolescente Enfermos e as Práticas Pedagógicas. Por meio de nossas observações em lócus e dos diálogos tecidos, podemos perceber que as ações pedagógicas no hospital possibilitam aos sujeitos enfermos a continuarem

estudando mesmo durante o tratamento de saúde, amenizando suas perdas educacionais, criando um elo entre o hospital e o que está além dos seus muros, bem como colaborando para a melhora em seu tratamento. Ouvir o que as docentes das classes hospitalares nos têm a dizer sobre suas experiências, suas vivências e os desafios por elas encontradas durante suas práxis em ambiente hospitalar, nos fizeram refletir sobre a importância dessa ação de se pensar o fazer docente, como também o estabelecimento de diálogos com quem vivencia em seu cotidiano a ausência de apoio, seja por parte do poder público, seja da sociedade em geral, e o não reconhecimento de seu trabalho, principalmente, pelas escolas de origem dos educandos. Concluímos, chamando atenção para a necessidade de mais políticas públicas que assegurem essa prática educacional em nosso país; a aceitação dos trabalhos desenvolvidos por essas educadoras por parte das escolas de origem dos estudantes; mais pesquisas sobre a temática para que outras vozes sejam alcançadas.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Prática Pedagógica. Direito à Educação.

## REFERÊNCIAS

---

PASSEGGI, M. C.; OLIVEIRA, R. C. A. M. de; ROCHA, S. M. Classes Hospitalares: aprendizagens biográficas e formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCADORES, 12., 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015. p. 27575-27589. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18154\\_10507.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18154_10507.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

RODRIGUES, S. B. B; PASSEGGI, M. C. A infância com câncer: os sentidos da (re) inserção escolar, o que nos contam as crianças? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS, 1., 2017, Santa Maria, RS. **Anais...** Santa Maria, RS: UFSM, 2017. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/56771089-Cadernos-de-programacao-e-resumos-1o-congresso-de-memoria-e-educacao-narrativas-auto-biograficas.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO SOBRE A CLASSE HOSPITALAR**

**Ana Tereza dos Santos Araújo<sup>1</sup> – UFRN**

**Janaína Arruda de Oliveira<sup>2</sup> – UFRN**

**Orientadora: Jacyene Melo de Oliveira<sup>3</sup> – CE/DFPE/UFRN**

---

A pesquisa que será neste trabalho apresentada foi desenvolvida para averiguar a prática do profissional pedagogo em um ambiente não escolar, mais especificamente em uma classe hospitalar. O objetivo da investigação foi compreender, por meio de uma atividade de observação e entrevista, como é a prática do pedagogo nas classes hospitalares, quais conhecimentos são necessários para o exercício da função pedagógica neste contexto, quais as principais responsabilidades incumbidas ao cargo de professor pedagogo no ambiente hospitalar, que atividades são desempenhadas pelo profissional na sala de aula e fora dela e qual

o público-alvo do trabalho desenvolvido na classe hospitalar de um hospital oncológico. Compreendemos que o pedagogo é o profissional que pode exercer diversas funções em vários ambientes que ultrapassam as fronteiras da sala de aula.

Por isso, tentou-se entender melhor sobre a prática do profissional pedagogo desvinculada das instituições tradicionais de ensino, para tanto, foi realizada uma visita, no dia 2 de maio de 2017, à Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva para agendamento da visita e entrevista, pois o trabalho de desenvolvido na classe hospitalar do hospital oncológico é coordenado pela pedagoga

Gabriela Natalense, representante da Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva e orientado pela secretaria de educação. Gabriela Natalense nos apresentou todo protocolo de visitação e recebeu a documentação necessária para autorização da visita, posteriormente, no dia 9 de maio foi realizada uma entrevista semiestruturada com Maria de Deus, funcionária pública do estado, que é formada em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e especialista em psicopedagogia pela instituição UNIFACEX (Centro Universitário FACEX). A entrevistada atua na área da educação há seis anos, sendo que, nos

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (DFPE/CE/UFRN). E-mail: Jacyeneufrn2@gmail.com

dois primeiros anos, atuou em escolas públicas e nos quatro últimos anos vem atuando na classe hospitalar do hospital oncológico, local visitado, que está em um bairro da cidade de Natal/RN. A motivação para realização dessa pesquisa surgiu depois de algumas discussões feitas em sala de aula a respeito do que, na atualidade, compreendesse sobre o ser pedagogo, quais as esferas de atuação e funções que esse profissional pode exercer e como é desenvolvida a formação dos discentes do curso de pedagogia. Para tanto, analisou-se o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de pedagogia da UFRN, refletiu-se sobre o perfil do formando esperado e quais as lacunas ainda são existentes no currículo de formação que vigora na instituição desde 2009 e que no momento passa por reformulação. O conceito de classe hospitalar que foi considerado para o trabalho e que esteve presente na fala da entrevistada Maria de Deus é o mesmo apresentado por Lopes (2007 apud SILVA; FANTACINI, 2013, p. 45) que define que "classe hospitalar refere-se à escola no ambiente hospitalar na circunstância de internação temporária ou permanente, garantindo o vínculo com a escola e/ou favorecendo o seu ingresso ou retorno ao seu grupo escolar

correspondente". Ao desenvolver a entrevista com a pedagoga Maria de Deus, buscou-se observar um pouco do trabalho pedagógico na classe hospitalar, contudo, no dia em que realizamos a visita ao hospital oncológico não havia crianças desenvolvendo atividades com a pedagoga e por exigências do protocolo não tivemos acesso ao ambulatório, por isso foi feita apenas a observação do espaço onde são desenvolvidas as atividades e a entrevista programada. A pedagoga relatou que sua principal atividade na policlínica consiste em realizar o acompanhamento pedagógico dos pacientes da área pediátrica e expressou que o objetivo central das intervenções é promover o ensino das crianças e adolescentes que dão entrada na instituição para passar por tratamentos clínico-oncológicos e, conseqüentemente, ficam fora da escola. Para isso, Maria entra em contato com a instituição de ensino na qual cada paciente do setor pediátrico estuda, informa que a criança vai iniciar tratamento na ala pediátrica da Liga e solicita que a professora encaminhe as atividades, trabalhos e provas que o aluno faria na sala de aula convencional para serem realizadas, pelo paciente, na classe hospitalar. Dessa forma procura-se garantir que o vínculo

do aluno com a escola não venha a se perder. A seguir trecho da entrevista: - Pesquisador: Boa tarde Maria! Eu gostaria de saber como é o trabalho que você realiza aqui nesse espaço [referindo-se à policlínica]. - Entrevistada: Bom, o trabalho, ele é pedagógico. O principal objetivo é o ensino das crianças que precisam ficar um tempo afastadas da escola devido ao tratamento. E aí a gente faz um acompanhamento pedagógico desses pacientes: atividades escolares. - Pesquisador: Tipo, [pausa para reflexão] seria um reforço? Ou é mais para garantir que eles fiquem sem contato nenhum com a escola? - Entrevistada: Não, não é reforço é um [pausa] é um acompanhamento pedagógico mesmo. A gente entra em contato com a escola de origem deles e aí informa que eles vão começar tratamento e a gente solicita as atividades, trabalhos, provas. A gente faz tudo aqui. Não é reforço. O objetivo é o ensino mesmo. Em fazer o acompanhamento pedagógico dele para que ele não perca esse vínculo com a escola e que ele não venha sofrer grandes prejuízos educacionais no futuro ou até mesmo perder o ano letivo. A entrevistada nos afirmou ainda que o hospital é um espaço que necessita de um pedagogo hospitalar, pois muitas crianças

e adolescentes perderiam o ano letivo por estarem hospitalizadas, tendo em vista que existem casos de crianças que chegam a passar seis anos ou mais em tratamento e, conseqüentemente, ficam afastadas da escola. A pesquisa permitiu a reflexão a respeito dos espaços hospitalares, e ajudou a compreender que há outros espaços não escolares que precisam ser explorados. Permitiu também a ampliação daquilo que se compreendia como pedagogo e suas esferas de atuação, pois, diferente do que está exposto no PPP quando caracteriza o pedagogo como profissional apto a assumir as funções de professor, pesquisador, gestor e coordenador em diferentes segmentos e instituições educativas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2009) a prática pedagógica supera as barreiras das instituições educativas e é atuante em muitos espaços sociais inclusive o espaço hospitalar.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Formação. Pedagogo. Educação Não Formal.

## REFERÊNCIAS

---

DEUS, Maria. **Depoimento**. [maio 2017]. Entrevistadora: Janaína Arruda de Oliveira. Natal, maio 2017. Gravação de 19 min 46 s 14 ms em mp3. Entrevista concedida à pesquisa sobre práticas do pedagogo no ambiente não escolar.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, S. A. S.; FANTACINI, R. A. F. Pedagogia Hospitalar: a ação pedagógica em hospitais pediátricos. **Educação**, Batatais, v. 3, n. 1, p. 31-52, jun. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Presencial da UFRN**, 2009.

## CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS: APROXIMANDO DE CLASSES HOSPITALARES BRASILEIRAS

Ana Maria Lino<sup>1</sup> – UFSCAR/PPGE/SP

Aline Sommerhalder<sup>2</sup> – UFSCAR/PPGE/SP

---

Os questionamentos promovidos do contato entre a classe hospitalar e uma Unidade Municipal de Ensino em Cubatão-SP motivaram a presente pesquisa que abordou o atendimento pedagógico, realizado para crianças e jovens estudantes, em tratamento de saúde, em classes hospitalares. Nesse sentido, a investigação teve como objetivo conhecer e compreender que trabalho pedagógico é realizado em classes hospitalares, com crianças em tratamento de saúde. A revisão de literatura sobre os temas: currículo, classe hospitalar e políticas de humanização hospitalar, realizada tanto em portais destinados à pesquisa científica, quanto em livros, ofereceu elementos para o presente estudo, que teve por base a formação do sujeito, os processos

de aprendizagem, em diversos contextos e a formação para a cidadania em classes hospitalares. Entre os autores estudados de aporte teórico, apresentam-se: Fonseca (2008), Matos e Mugiatti (2011), Silva (2013), Moreira (2014) e Freire (1980). A complexidade no atendimento na classe hospitalar traz uma rede de informações, práticas, emoções e significados, que constituem o contexto para a identificação e conhecimento de processos educativos (processos de ensinar e de aprender) desencadeados na prática pedagógica, realizada em ambiente hospitalar. Destaca-se o vínculo entre visão do sujeito e o currículo explícito nas relações e propostas que permeiam essa prática pedagógica, nessa modalidade de ensino, cujo fim consiste em validar a

continuidade não somente da escolarização, como do processo de aprendizagem da criança, como ação significativa no processo de humanização em ambiente hospitalar. A noção de currículo perpassa a organização e a prática pedagógica no ambiente hospitalar, sendo a dinâmica da aprendizagem definida e embasada na experiência da internação ou do tratamento prolongado. Trata-se de investigação com abordagem qualitativa, cujo estudo de campo foi realizado por meio de 6 (seis) visitas técnicas em cinco hospitais, especificamente nas classes hospitalares destes, localizados nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país com atendimento a pacientes do sistema SUS (Sistema Único de Saúde). Esses hospitais são vinculados a universidades,

<sup>1</sup> Mestranda do PPGE/UFSCAR/SP. E-mail: ninnali@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora do PPGE/UFSCAR/SP. E-mail: sommeraline1@gmail.com

ONGs ou Fundações. Cada visita teve a duração de 2 horas, aproximadamente, onde foram realizadas observação participante e entrevistas não estruturadas com registro em notas de campo. Saúde e educação são direitos assegurados pela legislação, para crianças e jovens, a partir da Constituição Federal de 1988. A classe hospitalar apresenta-se como uma das atividades humanizadoras existentes nos hospitais, integrando-se a esse objetivo juntamente com outras iniciativas como: organização de grupos de discussão de problemas do dia a dia hospitalar; criação de ouvidorias; estímulo à formação de equipes de saúde; reforço à família e aos acompanhantes para que possam participar ativamente na recuperação do paciente; prolongamento do horário de visitas; incentivo ao lazer, por meio de brinquedotecas e da presença de contadores de história; e terapia por meio de música, artistas, palhaços e animais desde a implantação da Política Nacional de Humanização em Saúde em 2003. Apesar da diversidade de condições encontradas, o contato com a escola de origem e a solicitação de atividades para serem realizadas durante o tratamento é comum a todos os hospitais visitados, assim como a dificuldade de obter o

retorno dessa solicitação. Quando ele é feito, apresenta-se como um recorte do que aconteceu na sala de aula, ou como uma transposição da atividade para o espaço hospitalar. Alguns exemplos são: pintar desenhos copiados, responder à prova de múltipla escolha com informações históricas versando sobre datas e nomes de personagens ou fatos, executar exercícios do livro didático, fazer pesquisa sobre temas dados, realizar lista de exercícios. A escola de origem também costuma informar, por meio de contatos verbais, dificuldades que a criança apresenta para acompanhar a classe, com a indicação de tornar o atendimento pedagógico no hospital um reforço das habilidades de alfabetização e noções matemáticas. Por outro lado, também são desenvolvidos projetos elaborados pela equipe ou professores da classe hospitalar para suprirem a ausência de retorno da escola de origem e possibilitarem o atendimento de acordo com as condições dos alunos e grupos. Esses projetos são baseados em temas transversais a partir de orientações da Secretaria de Educação do município ou estado, nos Parâmetros Curriculares Nacionais ou nas diretrizes das instituições mantenedoras. Para além do formalismo presente na rotina esco-

lar, os saberes construídos pelos sujeitos são a expressão da construção que eles fazem em suas relações consigo e com os outros, no contexto de hospital. Os resultados mostraram, que as práticas vivenciadas na classe hospitalar abrangem atividades pedagógicas tradicionais e propostas mais dinâmicas e contextualizadas, como os projetos porém, mesmo nessas propostas as atividades realizadas espelham o formalismo, a reprodução e a valorização dos conteúdos dos processos educativos realizados nas escolas de origem, ou presentes nas práticas pedagógicas convencionais trazidas nas experiências dos professores. Oportunidades criativas, lúdicas e sociais voltadas para a construção do sujeito crítico e ativo também estão presentes, mas vinculadas a políticas definidas de determinadas instituições. A possibilidade de mudança do encaminhamento de atividades para objetivos, na ligação entre a escola de origem e a classe hospitalar representa uma possibilidade de aprendizagem significativa no atendimento educacional durante o tratamento de saúde. Os dados possibilitaram ainda refletir que há uma relação entre a concepção de currículo e a proposta de formação do sujeito, incluindo fatores como espaço, tempo, vínculos,

atuação do professor que expressaram diferentes referenciais conceituais, práticas pedagógicas e políticas no processo de humanização.

**Palavras-chave:** Ensino e Aprendizagem de Crianças. Classe Hospitalar. Trabalho Pedagógico.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. Artigo 205. Dispõe sobre o direito de todos à Educação. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/.../constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/.../constituicao_federal_35ed.pdf?)>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

FONSECA, Eneida Simões da. Classe hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico-educacionais de crianças. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 8, n.44, p.32-37, 1999. Disponível em: <[http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/classehospitalar\\_eneida.pdf](http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/classehospitalar_eneida.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2016.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2012.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. de F. **Pedagogia hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

MOREIRA, A. F. B. (Org.) **Currículo**: questões atuais. Campinas: Papyrus, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ZOMBINI, E. V. et al. Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, mar./jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462012000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462012000100005)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

## RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO DIANTE DA MORTE: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM UMA CLASSE HOSPITALAR

Valéria Carla Vieira Gomes de Souza<sup>1</sup>  
SME – Hospital Infantil Varela Santiago

A escola é um espaço de vida, de alegrias, de descobertas e de realizações. Essa é a frase que nós professores sempre ouvimos. No entanto, quando a escola sai dos seus muros e adentra o hospital e passa a conviver com a realidade dura de doenças passa a ter outro olhar, que muitas vezes está envolto de dor, lágrimas, tristeza, perdas e morte. Embora a alegria, as descobertas e realizações também façam parte desse contexto. A função do professor nesse ambiente é sem dúvida trazer um pouco de acalento a esses corações atrelado a questão pedagógica. E, fazer a ponte entre esse aluno que encontra-se fora da escola com o que a vida lhe tirou, a possibilidade de dar continuidade aos estudos como tantas crianças e a diminuição da privação da liberdade de poder se socializar com

seus amigos e familiares, também passa pela possibilidade de (re)construção de identidades e da produção de subjetividades das crianças, na medida em que se tornam suportes e propulsores das relações afetivo-emocional, cognitiva e social, levando as crianças a novas significações e experiências no hospital, para além da dor e do sofrimento. O espaço da classe hospitalar deve proporcionar o reencontro desse aluno com a esperança, com o sorriso e com a descoberta, independentemente da idade escolar. Nós temos uma imensa responsabilidade de apresentar o conhecimento de forma leve, de forma lúdica, para que não haja mais peso em seus dias. No presente trabalho, apresentamos um relato de experiência da prática docente em uma classe hospitalar, em um hospital na cidade de Natal que

trata crianças oncológicas. Esse trabalho está voltado para uma reflexão sobre os laços afetivos que perpassam essa prática e as interfaces da educação de crianças com câncer. Trata-se de um relato pessoal que abordará o olhar de uma professora frente à dor, ao sofrimento, às lágrimas, à impotência, à partida e, muitas vezes, à morte do seu aluno. Utilizamos como referencial teórico autores como Becker (2013), Fontes (2005), Dantas (1992), entre outros; que tratam em suas pesquisas e escritos sobre a morte e as práticas pedagógicas no contexto hospitalar, em que estabeleço a relação entre esses aspectos e questiono: Como ressignificar a educação diante do luto? Como dar continuidade ao processo mesmo envolto na dor e sofrimento? Na construção desse trabalho, nos deparamos com

<sup>1</sup> Professora da Rede Municipal de Natal/RN. E-mail: valeriacarla08@gmail.com

a necessidade de refletirmos sobre nossas limitações, nossas fragilidades, nossas angústias e questionamentos frente ao inevitável de todo o ser humano: a morte. Bem, como a necessidade de reconstrução, ressignificação e o ressurgimento de sentimentos como alegria, esperança e fé, para o prosseguir do processo de ensino-aprendizagem. É preciso entender que o hospital não é apenas um lugar ligado à saúde e que a educação está atrelada apenas ao espaço escola. Os movimentos podem se entrelaçar e os conceitos abordados num espaço podem indubitavelmente encontrar-se em outro. A perda da saúde de uma criança está envolta de desafios físicos, psicológicos, sociais, familiares e espirituais. E, esses desafios envolvem os mecanismos de defesa da própria criança presente na resistência ao atendimento. É preciso ter a escuta ativa, que significa refletir sobre os sentimentos deles, permitir a expressão das emoções, por meio da fala, dos desenhos, do olhar e se preciso permitir o silêncio. É importante entrar em contato com os sentimentos, lembrando que apesar e além dele, temos a responsabilidade para com os demais alunos que ficaram. E, após a reelaboração desses sentimentos, é preciso continuar com o

processo de ensino-aprendizagem. E, se por ventura em nossa prática, nos for solicitado por algum aluno uma conversa sobre o que ocorreu, é preciso ouvi-lo. E, por mais que seja difícil é preciso vencer a barreira do medo de falar e deixar fluir o assunto naturalmente. Nessa perspectiva, a nossa presença na condição de educadores no hospital, contribui para o fortalecimento das relações e deve promover ações que atendem as equipes multiprofissionais, integrando educação e saúde para um atendimento de qualidade para essas crianças que se encontram hospitalizadas, construindo vínculos e apegos. Entrar em contato com a história de um aluno desde a descoberta da doença até sua morte, faz entender o processo como todo. Vivenciar o primeiro dia de sua chegada com olhar assustado, diante de tantas crianças já com o aspecto que a doença traz; participar do momento do corte do cabelo porque o mesmo está caindo e com ele a identidade e a alegria, e sentir a mão de alguém que frágil quer apenas um apoio. Apoio esse que também necessitamos, pois nessas horas é difícil ser mestre, tão impotentes nos tornamos. Acompanhar os momentos de esperança, desesperanças, alegrias e tristezas e ter a certeza de que o fim chegará

é algo angustiante. Desse modo, é preciso ir para além dos aspectos pedagógicos, uma vez que, durante muito tempo discutimos exaustivamente sobre questões referentes a esses aspectos pedagógico e nos esquecemos ou deixamos em segundo plano, o reconhecimento de que a nossa prática é bem mais subjetiva e perpassa os sentimentos conflituosos que todo ser humano possui frente à essa temática. Assim, reconhecemos nossos limites e cuidamos uns aos outros quando temos espaço para demonstração de sentimentos, discussão dos casos, por meio de grupo de apoio e psicoterapia, que ajudam a elaborar essas questões. Por isso, nós professores da classe hospitalar precisamos manter uma práxis reflexiva e que esteja sempre disponível para a mudança e o aprimoramento, objetivando dar condições necessárias para que os alunos em tratamento médico possam exercer de forma integral o seu direito educacional sem interrupção, mesmo estando hospitalizados. E, para nós entendermos que fazemos o que nos é possível fazer, de forma responsável e envoltos em sentimentos que estão para além de questões meramente pedagógicas. Assim, é desafiador vivenciar essa prática diária, pois muitas questões ainda permeiam a nossa

prática e para encontrarmos as respostas muitos caminhos ainda precisam ser trilhados, caminhos que nos possibilitem cultivar valores, construir laço de afetividade e responsabilidade na construção cognitiva de nossos alunos, respeitando os sentimentos, as singularidades, a dor e a perspectiva que temos sobre nossos alunos e a morte. Possibilitando assim, apesar e para além dessas questões as ferramentas para a construção da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar.  
Prática Pedagógica. Morte.  
Ressignificação.

## REFERÊNCIAS

---

BECKER, Bruna Fraga. **A Pedagogia Hospitalar sobre o olhar do professor**. 2013. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Municipal de São José, São José, 2013.

BRANCO, Rita Francis Gonzalez y Rodrigues. **Capacitação de professores de Classe Hospitalar em relação professor-aluno/paciente na perspectiva balintiana**. 2008. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

DANTAS, Heloysa. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de Envelhecer e Morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 119-138, maio/jun./jul./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

## CONHECENDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR PEDAGOGOS EM AMBIENTE HOSPITALAR

Edimara da Rocha<sup>1</sup>

Michele da Silva Dantas<sup>2</sup>

Paloma da Silva Jacome<sup>3</sup>

Orientadora: Luzia Guacira dos Santos Silva<sup>4</sup> – UFRN

O presente relato de experiência é resultado de uma pesquisa de campo realizada no GACC-RN, Grupo de Apoio à Criança com Câncer. Por meio dessa ação, buscamos conhecer, identificar e analisar acerca das práticas educativas desenvolvidas por pedagogos em ambiente hospitalar. A tal temática procura, a partir de um olhar pedagógico, compreender o processo de educação na qual estão inseridos os alunos em suas limitações e superações das dificuldades que encontram ao longo de sua trajetória no ambiente hospitalar. A atuação do pedagogo perpassa o âmbito escolar, exer-

cendo funções de grande importância para a sociedade, na constituição de uma educação formal ou não formal, que não os definem apenas como professores, mas educadores formadores de cidadãos críticos e éticos. A área educacional ao decorrer dos anos ultrapassa o âmbito escolar e se constrói cada vez mais forte em outros meios. A modernidade traz como consequência a ampliação da educação e a necessidade e redescoberta de métodos pedagógicos para serem efetivados nas mais variadas instituições e meios sociais na busca incessante do desenvolvimento da sociedade. A pedagogia,

segundo Libâneo (2005 apud LISITA, 2007 p. 513), ocupa-se em “investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas, com o objetivo de propor a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem”. Ela possui suas problemáticas e métodos próprios de investigação em que o pedagogo pode se constituir como pesquisador. Além de analisar as relações da Pedagogia na modernidade e a ampliação da educação e suas áreas de atuação, para Libâneo (1999 apud PAULA, 2010, p. 4) “a educação está presente nos meios de comunicação, nos

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (DFPE/CE/UFRN). E-mail: luzircasantos@hotmail.com

movimentos ecológicos, nas Organizações Não Governamentais (ONGs), em meios profissionais, sindicais, políticos, nos quais, assiste-se a uma redescoberta do pedagógico, a ponto de se falar em uma 'sociedade pedagógica'. Consideramos a relevância de conhecer práticas educativas que podem ser utilizadas no contexto hospitalar, as quais servem como sugestão para serem exploradas de maneira prazerosa, estabelecendo um envolvimento com um aprendizado que é capaz de modificar, desenvolver e restabelecer-se, sem perder de vista, a simbologia da ludicidade que motiva o interesse e o desejo de aprender da criança. Além de proporcionar uma nova experiência na Pedagogia, podendo assim estar ciente de todas as áreas disponíveis ao trabalho do pedagogo, como também as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas em cada uma dessas áreas, como empresas e instituições escolares. O objetivo de se estudar a pedagogia hospitalar é conhecer o processo de ensino-aprendizagem das crianças hospitalizadas e a ação dos profissionais da educação que se dedicam a essa área. O relato bem como a experiência em conhecer os diferentes ambientes ao qual o pedagogo atua é feita a partir de questionamentos apropriados e

importantes que estão agregados ao processo humanizado de educação e saúde. Apresentamos, portanto, um relato de experiência construído a partir de pesquisa, discussões e indagações acerca da compreensão sobre a prática pedagógica e a importância desta, destacando a valorização das atividades pedagógicas como consideráveis instrumentos de experiência e conhecimento, fator este de estimulação também é uma saúde regrada de bem-estar da criança como um todo. A pesquisa é caracterizada como qualitativa exploratória para chegar à finalidade dos objetivos. O caráter desta pesquisa é do tipo exploratório, devido ao fato desse tipo de pesquisa proporcionar maior flexibilidade e familiaridade com o problema, além de envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. O instrumento utilizado foi entrevista aberta semiestruturada, que permite ao pesquisador maior liberdade de conhecer a realidade do entrevistado e por meio da mesma é possível obter as informações necessárias para alcançar os objetivos da pesquisa. A entrevista foi realizada com uma pedagoga, formada na UFRN, que nos relatou sobre sua atuação no hospital, assim como os desafios enfrentados, experiên-

cias relevantes e importância do seu papel como profissional nessa área. Mediante as informações obtidas, concluímos que a Pedagogia Hospitalar funciona como uma extensão da sala de aula, ela é destinada aos alunos que deixaram de frequentar as aulas por motivo de doença e estão internados em hospitais ou clínicas em processo de recuperação. O atendimento é realizado de forma diferenciada. O pedagogo leva até o aluno tanto conhecimentos relativos ao estudo disciplinar quanto um apoio emocional. O trabalho pedagógico na área hospitalar é uma prática nova e pouco conhecida. Vimos o quanto é importante ter em um hospital ou em uma instituição hospitalar pedagogo, pois as crianças que se encontram internadas ou em casa de apoio, tem o direito assegurado em receber apoio pedagógico enquanto não podem frequentar sua escola regularmente. Esse trabalho não é fácil, baseado nas informações que obtivemos na entrevista, pois o educador em um ambiente hospitalar tem que lidar com a morte e o seu risco. Situação que mexe com o emocional, pois eles também estão emocionalmente frágeis e carentes. Entretanto, se torna instigante saber que por meio do trabalho do pedagogo hospitalar se está ajudando

crianças e famílias que precisam de um maior apoio. A prática do pedagogo está voltada para ser efetivada de acordo com a necessidade de cada aluno, que além de estar em uma situação difícil tem que lidar com um ambiente que não o agrada, longe do meio social, do ambiente escolar, preenchidos por sentimentos que os deixam tristes. Muitas vezes, por conhecer sua realidade precisam estar imersos em atividades que os animem, os façam perceber que há algo de bom em meio à situação que estão submetidos. Em meio a tal processo o pedagogo é aquele que deve agir tendo como alvo o desenvolvimento do aluno por meio de atividades flexíveis, conscientes, criando uma ponte de vínculo afetivo, dialógico, auxiliando na melhoria das condições de cada aluno. O hospital é por natureza, um lugar que causa temor, por abrigar o encontro da vida com a morte. Esse local passa, hoje, por um processo de abertura no que concerne ao tratamento humanizado aos pacientes. Graças à humanização atualmente é aceito facilmente a necessidade de incluírem-se outros profissionais, além do corpo médico, no meio hospitalar transformando-o em um contexto afetivo e de valorização da emoção no equilíbrio biopsicossocial, imprescindíveis para a

recuperação da saúde (WALLON, 1995). A atuação do pedagogo nesse contexto deve ser efetivada por meio da interação, estabelecimento de relação com o aluno de forma proveitosa, qualitativa, no intuito de ganhar a confiança do mesmo para que haja êxito ao decorrer do seu trabalho. Esse profissional torna-se um referencial para o aluno, tendo que avaliar comportamentos, efetivar seus métodos pedagógicos de acordo com a situação do aluno/paciente em busca do sucesso no processo de ensino aprendizagem. Para de fato isso acontecer deve haver respeito, construindo uma mediação de construção do indivíduo, fazendo-o ver o mundo de outra forma, por meio da atenção necessária. Sendo importante conhecer o universo da criança e do adolescente, construir experiências que envolvam o aluno a outro pensamento, que tire dos mesmos o medo, insegurança e perceba que há sempre uma continuidade, mesmo desprovido muitas vezes da convivência com os amigos, familiares, saiba reconhecer que há sempre outra forma de diversão, de aprendizagem. Como também ver o professor como sujeito estimulador e presença essencial no seu desenvolvimento, interagindo por meio de atividades, brincadeiras, recursos diversos que

ouse criatividade e contorne as situações existentes que nem sempre serão agradáveis devido o estado do aluno, por meio da interação satisfatória. O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização do campo cognitivo e afetivo, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita a mesma. É de grande importância a atuação do pedagogo em diferentes contextos, o profissional que se encontra preparado para diversas funções que vai além do âmbito escolar, engloba um profissional apto para levar a educação, o ensino de maneiras distintas, mostrando que é possível fazer a diferença, que pode existir continuação de aprendizagem e na elaboração da mesma, se encontra aquele que pode fazer acontecer.

**Palavras-chave:** Experiência. Práticas Educativas. Atuação do Pedagogo.

## REFERÊNCIAS

---

LISITA, Verbena Moreira Soares de Sousa. Pedagogia e pedagogos, para quê? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, maio/ago. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742007000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000200014)>. Acesso em: 5 jun. 2017.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3., mar. 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100008&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 5 jun. 2017.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

## **A LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁXIS PEDAGÓGICAS NO ATENDIMENTO DOS ALUNOS: NA CLASSE HOSPITALAR DO HOSPITAL GISELDA TRIGUEIRO**

**Tháise de Santana Lopes<sup>1</sup>**  
**Roberta Nunes Ribeiro<sup>2</sup>**  
**Fernanda Lúcia N. Freire<sup>3</sup>**

O presente trabalho relata a experiência desenvolvida, no processo de alfabetização por meio do lúdico dos alunos-pacientes internados, no Setor de Pediatria, do Hospital Giselda Trigueiro (HGT), localizado na zona oeste de, no bairro das Quintas na cidade de Natal no estado do Rio Grande do Norte. Referência estadual no atendimento em casos graves e/ou complexos no tratamento de doenças infecto contagiosas. Conta com uma Pediatria com 15 leitos, onde 4 são para pacientes em isolamento. É um hospital com a missão de promover atenção integral aos usuários com doenças infecciosas, garantindo qualidade, resolutividade e humanização da assistência, com ética

e responsabilidade social, de acordo com os princípios do SUS, oferta assistências às crianças, adolescentes e adultos em patologias crônicas, com tempo médio de internação de 30 dias, vinculado aos programas do Ministério da Saúde (MS), com atendimento 100% SUS. Preocupado em proporcionar um atendimento educacional no âmbito hospitalar, garantindo assim o direito à educação às crianças hospitalizadas, assegurando-lhes a continuidade do processo de escolarização, firmou o Termo de Cooperação Técnica, junto à Secretaria Estadual de Educação (SEEC), em dezembro de 2013. Atualmente conta com a classe hospitalar que funciona no Estado no turno da manhã com uma pro-

fessora cedida pela SEEC que atua atendendo todas as crianças e adolescentes que estão no Setor da Pediatria. Tendo como meta desenvolver o indivíduo com o mínimo de perdas possível em seu processo de aprendizagem. O objetivo central do nosso trabalho é refletir acerca da importância da ludicidade, no desenvolvimento da leitura, mais especificamente, no uso de jogos e gêneros literários como elementos que contribuem na prática pedagógica de maneira lúdica, significativa e transdisciplinar, tomando como base os trabalhos de D'Ambrósio (2001), Noronha (2014), Piaget (1998), Amarilha (2003), Arroyo (1968). Desde que o hospital implementou a classe hospitalar,

<sup>1</sup> Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte/SEEC. E-mail: e\_sia\_ht@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte/SEEC. E-mail: robertanunes2003@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte/SEEC. E-mail: ernandalnfreire@hotmail.com

esta vem buscando metodologias para auxiliar no atendimento dos alunos-pacientes. Trabalhando com a equipe multidisciplinar da Pediatria, relacionando os conhecimentos de cada profissional: nutricionista, dentista, psicólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, equipe médica e de enfermagem, afim de atuar da melhor maneira possível, as situações de conquistas e aprendizagens. Funcionando, atualmente, somente no turno matutino, os alunos são atendidos, em intervalos diferenciados, por nível de ensino. Certamente, é um desafio, falar de alfabetização em um ambiente que não é a sala de aula regular. Alguns questionamentos se apresentam, tais como: como dar aula em um espaço escolar não regular? como conquistar a criança ou adolescente em tratamento de saúde para realizar atividades? como tornar a aula atrativa e significativa ao público-alvo? Essas problemáticas emergiram inicialmente em nossas vivências. Compreendemos que a classe hospitalar é um espaço de autonomia da criança e do adolescente. Na prática pedagógica desenvolvida, no HGT, a fala e a escuta são essenciais na conquista dessas crianças e adolescentes. Para desenvolvermos nosso trabalho, utilizamos como materiais

de suportes pedagógicos: as caixas de jogos de alfabetização; jogos de raciocínio lógicos para diversificar as atividades, além de, livros paradidáticos fazendo-se uso dos gêneros literários, mais especificamente, a literatura infanto-juvenil, não como mera transmissão de mensagens, mas sim para proporcionar o hábito da leitura, e o prazer de ler, promovendo assim, o diálogo com os alunos. Diante desses fatos, buscamos trabalhar com a ludicidade por ser um fator forte e facilitador, na compreensão dos alunos. Os desafios são muitos, mas como resultados percebemos que brincando também se aprende, que o lúdico auxilia nos processos de aprendizagem, além de ser, estratégia pedagógica prazerosa e significativa para a aprendizagem dos atendidos, no ambiente hospitalar. Foram no uso dos jogos pedagógicos, com maior ênfase nos jogos da caixa do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que conseguimos despertar o interesse e participação, procurando relacioná-los à vida escolar, e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, dos alunos-pacientes, em atendimento hospitalar. No uso dos gêneros literários, procuramos com essa abordagem o processo de formação de leitores, oportunizando aos alunos o

contato com uma diversidade de obras e, como recurso de ensino transdisciplinar. Devido às características de sua linguagem polissêmica, de seu conjunto harmonioso de sons, e de sua figura de linguagem, observamos que a literatura infantil vem sendo mais acolhida pelos alunos. Temos muito a avançar, mas dentro de nossas possibilidades estamos concretizando o direito aos estudos de crianças e adolescentes em situação de adoecimento e hospitalização de maneira lúdica, prazerosa, potencializando o ensino da literatura por meio de práticas significativas, permitindo o desenvolvimento pleno da competência leitora do educando e a percepção deste para o caráter humanizador, cultural, histórico e social da leitura.

**Palavras-chave:** Ludicidade. Gêneros Literários. Classe Hospitalar.

## REFERÊNCIAS

---

- ALVES, Eva Maria Siqueira. **A ludicidade e o ensino de matemática**. Papirus, Campinas: 2001.
- AMARILHA, Marli. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e práticas pedagógicas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 93.
- ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- AZEVEDO, Fernando. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. **Sociologia** – (Escola de Sociologia e Política), v. XIV, n. 1, mar. 1952.
- BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas**: uma estratégia para as aulas de matemática. São Paulo: IME-USP, 1996.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GIANSANTI, Carlo. **Matemática e jogos lúdicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- KAMII, Constance. **A Criança e o Número**: implicações da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- NORONHA, Claudianny Amorim; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. Ensino da matemática: interfaces da educação básica e da formação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Ensino e aprendizagem da matemática**: educação básica e formação. Natal: EDUFRN, 2014. p. 13-16.
- PIAGET, Jean. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- SILVA, Elizabeth. **Recreação com jogos de matemática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001. p. 24.

# LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANALISANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL À CRIANÇAS DE ZERO A CINCO ANOS EM UMA CLASSE HOSPITALAR NA UNIDADE DE PEDIATRIA DO HUOL/EBSERH/UFRN

Euricleia da Silva Araújo<sup>1</sup>  
Ysabele Cristina Rodrigues Barra<sup>2</sup>  
Jacylene Melo de Oliveira Araújo<sup>3</sup>

A Educação Infantil é, sem dúvida, uma das políticas sociais para a primeira infância que, juntamente com a saúde, assistência social, proteção, cultura, esportes, contribui para o desenvolvimento infantil. O grande desafio é consolidar a identidade da educação infantil como primeira etapa da educação básica e ampliar a oferta. E nesse sentido, a ampliação da oferta nos hospitais que atendem especificamente crianças nessa faixa etária ainda é um desafio maior. De acordo com a resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o direito da

criança e do adolescente hospitalizado passa a ser reconhecido pela legislação brasileira. O item nove (9) assegura que os educandos têm: "Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar" (BRASIL, 1995, p. 1). A partir disso, temos a necessidade da modalidade de atendimento educacional hospitalar, sugerindo propostas para uma política voltada para as necessidades pedagógicas educacionais e os direitos à educação e à saúde deste público nessa fase transitória de suas vidas. A proposta

da classe hospitalar é dar continuidade às atividades escolares das crianças e adolescentes internados, da educação infantil ao ensino médio, de maneira que haja interação harmoniosa entre as ações educativas a serem realizadas de acordo com a realidade hospitalar. A própria legislação brasileira reconheceu, por meio da Resolução nº 41 de 31 de outubro de 1995, do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado. A Secretaria de Educação Especial do MEC denominou classe hospitalar como uma das modalidades de atendimento especial

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE). E-mail: cleiasilvafrn@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE). E-mail: Ysabele.barra21@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (DFPE/CE/UFRN). E-mail: Jacyleneufrn2@gmail.com

conceituando-a como: “ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados, que necessitam de educação especial ou que estejam em tratamento” (BRASIL, 1994, p. 20). E é nesse lócus que se situa nosso tema e questão de pesquisa. A proposta da classe hospitalar é dar continuidade às atividades escolares das crianças e adolescentes internados, da educação infantil ao ensino médio, de maneira que haja interação harmoniosa entre as ações educativas a serem realizadas de acordo com a realidade hospitalar. O objetivo de oferecer acompanhamento curricular deve prever que todas as áreas do conhecimento sejam contempladas. Por isso, o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos promovidos nas enfermarias e classes possuem um caráter individualizado e ao mesmo tempo trazem a possibilidade de convivência com um coletivo. Trabalhar junto à crianças e adolescentes hospitalizados é um desafio que implica em descobrir estratégias diferenciadas e adaptáveis à realidade e à necessidade de cada um, por exemplo, como abordar e provocar neles interesse em aprender, diante de uma doença grave. Nessa perspectiva temos como objetivo investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas

no âmbito da linguagem oral e escrita, em uma classe hospitalar na Unidade de Pediatria do HUOL/EBSERH/UFRN, especialmente, no atendimento a crianças de zero a cinco anos (Educação Infantil) – com um olhar voltado às atividades planejadas e realizadas pelas professoras no que diz respeito ao uso dos gêneros escritos, que visem atender com qualidade as crianças hospitalizadas da educação infantil e que acabam por ampliar suas habilidades de uso da linguagem oral e escrita em diferentes situações, assim como instiga a apropriação, de forma sistemática por meio desse uso, sobre alguns princípios do sistema de escrita alfabética. Tendo como base o argumento de que crianças menores de seis anos podem ampliar suas habilidades educacionais nos pontos citados anteriormente. Para a realização do estudo, a nossa investigação se inscreve na Abordagem Qualitativa da Pesquisa Educacional que “envolve a obtenção de dados tendencialmente descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13). Dessa forma, chegamos ao lócus de nossa pesquisa: HUOL/EBSERH - Hospital

Universitário Onofre Lopes – Unidade de Pediatria, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A partir de primeiro contato, sistematizamos o cronograma de encontros com a equipe multidisciplinar do hospital, responsável pela classe hospitalar, dando início a nossa pesquisa no semestre 2017.2. Ao Considerar o nosso objeto de estudo, objetivo e pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa, definimos como procedimentos para coleta e construção dos dados: questionário, utilizado para conhecer aspectos descritivos da atividade docente; entrevista semiestruturada, com roteiro previamente elaborado anotações e aparelho de gravação, que objetiva recolher dados na linguagem do próprio sujeito; análise documental, para identificar informações factuais partindo do foco da pesquisa, utilizando decretos, leis, documentos oficiais, pareceres, projetos pedagógicos, etc. e observação participante, que busca colocar observador e observado do mesmo lado, tornando o primeiro parte do grupo do segundo. Nesse sentido esse projeto se configura como ampliação da pesquisa que analisou o processo de implementação desse serviço no HUOL concluída em julho de 2017. Acreditamos assim que esse estudo

também contribuirá na formação dos graduandos de pedagogia, focalizando a atuação do pedagogo/educador no espaço hospitalar.

**Palavras-chave:** Educação Infantil.  
Classe Hospitalar. Linguagem Oral.  
Linguagem Escrita. Práticas Pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, 13 de outubro de 1995. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 out. 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

## LEITURA E ESCRITA NA CLASSE HOSPITALAR (LIGA) – CACC

Kiara Lilian B. de Medeiros<sup>1</sup> – SEEC/RN

Licya Teles S. do Amaral<sup>2</sup> – SEEC/RN

Maria de Fátima M. Dantas<sup>3</sup> – SEEC/RN

A leitura além de ser a porta principal para a aquisição da escrita é, sobretudo, a melhor forma de ampliar o conhecimento dos sujeitos. O tema deste trabalho foi escolhido pela importância que a leitura e escrita tem na vida das pessoas, sejam elas crianças, sejam adolescentes ou sejam adultos. Quando falamos sobre trabalhar a leitura, percebemos um pouco de resistência por boa parte dos educandos. Isso se deve, em geral, ao não estímulo da leitura pelas famílias e, em alguns casos, o pouco contato com livros didáticos em virtude, muitas vezes, da utilização das novas tecnologias seja para jogos, seja para a navegação nas redes sociais, sem objetivos pedagógicos pro-

priamente. Vivemos numa cultura predominantemente escrita, num mundo permeado por diferentes linguagens, a saber: escritas, artísticas, orais ou virtuais, que exercem sobre nós uma constante interação por meio da ação leitora do mundo ao nosso redor. Ressaltamos que ler não se restringe à decodificação de letras ou palavras, mas a apreensão de seus significados, ou seja, é preciso nos apropriarmos da mensagem transmitida pelo conjunto de signos que transmitem mensagens ao leitor. A escola, de maneira geral, tem como um dos seus princípios formar, sobretudo, cidadãos que sejam críticos, reflexivos, autônomos e conscientes de seus direitos e deveres.

Logo, a leitura e o letramento são instrumentos que promovem a compreensão e consequentemente a modificação da realidade em que vivem. Cabe à escola, regular ou do hospital trabalhar os temas acima, oportunizando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e valores necessários para o enfrentamento da realidade social, econômica em seus educandos estão inseridos. Neste trabalho, apresentamos experiências realizadas de forma interdisciplinar, utilizando metodologias variadas a serem utilizadas com os estudantes de forma lúdica, prazerosa e significativa, com atividades pensadas para atender nosso público multisseriado e tendo em vista as particularidades das

<sup>1</sup> Professora da classe hospitalar da Policlínica e Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: kiara.lilian@bol.com.br

<sup>2</sup> Professora da classe hospitalar da Policlínica e cursa Pós-graduação em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Facex. E-mail: li\_ly09@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da classe hospitalar da Policlínica, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Especialista em Língua Brasileira de Sinais pela Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte. E-mail: fatimamedantas@hotmail.com

crianças e adolescentes que se encontram em tratamento de saúde. Antes de adentrarmos no objeto de estudo deste trabalho, a leitura e letramento, julgamos pertinente traçar em linhas gerais um breve histórico sobre a organização e os objetivos das classes hospitalares, sobretudo, da nossa, a Policlínica. Além disso, pensamos ser importante falar sobre as leis que regulamentam a prática do pedagogo e professores nesse espaço. A criação dos espaços de escolarização dentro dos hospitais tem sua origem no direito de todos à educação. Direito este que está no texto da nossa Constituição Federal de 1988 e também em diversos documentos de importância mundial como a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Em virtude das leis mencionadas, surgiram as classes hospitalares que observam o direito de que todos precisam acessar a educação, independentemente, do lugar e das condições físicas e de saúde. Desse modo, sua criação resulta que da necessidade de que o processo educacional das crianças e adolescentes, mesmo hospitalizados, continue ocorrendo. Segundo Fonseca (1999), o primeiro registro de atendimento educacional hospitalar no Brasil ocorreu no Hospital Bom Jesus no Rio de Janeiro/RJ, na década de 1950, quando a professora Lecy Rittmeyer, gra-

duanda do curso de Serviço Social, criou a primeira classe hospitalar, para o atendimento a crianças internadas, de modo que seu retorno à escola acontecesse com o mínimo de prejuízos possíveis. Esta iniciativa é considerada no âmbito nacional como o marco inicial da pedagogia hospitalar no Brasil (MARTINS, 2010 apud NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN, 2015). A Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução 02 de 11/09/2001 publicada no DOU nº 177, Seção 1E de 14/09/2001, p. 39-40). Essas Diretrizes têm caráter obrigatório a partir de 2002. Ainda segundo as mesmas Diretrizes, a classe hospitalar tem o objetivo de dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escolas de Educação Básica, contribuindo para o seu retorno e reintegração ao grupo escolar. Nesse sentido, a escolarização da criança e do adolescente hospitalizados ou em tratamento de saúde constitui-se um direito assegurado por lei. Com a finalidade de cumprimento da Lei a Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, por meio da Subcoordenadoria de Educação Especial (SUESP) vem direcio-

nando o serviço por meio do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN (NAEHD-RN). As parcerias são firmadas com as instituições hospitalares e casas de apoio, que recebem professores da Rede que realizam junto aos profissionais das instituições o atendimento pedagógico. Vale ressaltar que no início, esse serviço contava apenas com o apoio das direções das instituições hospitalares. Atualmente, a classe hospitalar é oficialmente reconhecida pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios em várias em regiões do país. Nas classes hospitalares, o atendimento acontece de diversas formas distintas. Se nas escolas as aulas transcorrem dentro do espaço sala de aula – em alguns momentos na biblioteca, sala de informática ou sala de vídeo; nos hospitais as ditas aulas levam o nome de atendimentos e podem vir a acontecer dentro da classe hospitalar, no ambulatório, nos leitos, nas salas de procedimento e, às vezes, nos corredores. Dentro do hospital, o ponto mais importante é que o atendimento de fato aconteça independentemente do lugar. A classe hospitalar da Policlínica atua junto a crianças e adolescentes com idades entre dois a dezenove anos. Mensalmente, produzimos projetos a serem realizados juntos

aos estudantes que frequentam o hospital. Os projetos visam construir um conhecimento sólido sobre determinados conteúdos ou datas comemorativas. Dentro dos projetos direcionamos atividades relacionadas com vários saberes disciplinares para todos os níveis escolares que atendemos na classe hospitalar. O que possibilita dar continuidade aos programas das escolas, sem necessitar deixar de lado os projetos da classe. As atividades desenvolvidas dentro da classe hospitalar da Policlínica são direcionadas a todos os estudantes que são acompanhados pelas professoras. Para além dos projetos, priorizamos, dentro dos nossos atendimentos, atividades e provas enviadas pelas escolas de origem. Nesse sentido, as classes hospitalares surgem como forma de representar a escola em um lugar diferente. Tomando o hospital como novo espaço para se produzir o conhecimento, as classes hospitalares atuam como e em nome da instituição escolar, junto aos pacientes que estão em processo formativo. Partindo de um contexto educacional diferenciado, as classes hospitalares são o elo dos estudantes com sua vivência antes do tratamento oncológico e propiciam a eles a continuidade de uma parte da sua vida que é extremamente impor-

tante: A vivência escolar. Desse modo, todos os projetos trabalhados durante o ano letivo são pensados e produzidos de maneira a contemplar todos os níveis escolares que atendemos. Os principais objetivos deste trabalho foram desenvolver habilidades como a oralidade e a escrita das palavras, ampliando, deste modo, o vocabulário dos estudantes. Bem como auxiliando na criação do hábito de ler, de forma prazerosa. Outro ponto importante deste trabalho se deu na escuta de histórias pelas crianças e adolescentes que frequentam a classe hospitalar da Policlínica, por meio de diferentes gêneros como (contos de fadas, fábulas, narrativas entre outros) e suas respectivas estruturas, aumentando o repertório textual dos educandos. Por fim, ao adentrarem o universo da literatura, os estudantes puderam desenvolver suas habilidades criativas mediante elaboração e releitura de histórias. Com o intuito de alcançarmos os objetivos elencados e os aportes teóricos acima mencionados nos levaram a adotar uma metodologia de trabalho focada na realização de atividades distribuídas nas diversas áreas do conhecimento – Linguagens e códigos, ciências da natureza, ciências exatas e ciências humanas. Tomamos como documentos orientadores para a seleção dos

conteúdos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEI). Utilizamos algumas estratégias como: o trabalho interdisciplinar; a criação de uma estória com a temática intitulada "O menino Dife e seu cabelo azul"; a utilização de textos de apoio que também remetessem a temática; a fomentação de discussões sobre as diferenças e singularidades humanas; a utilização de músicas e filmes que abordassem o tema, ainda utilizamos alguns jogos pedagógicos que dispomos na classe. Conforme mencionado, as atividades realizadas, bem como as estratégias usadas, foram adaptadas para atender ao público multisseriado (educação infantil, fundamental e médio) de nossa classe hospitalar e pensadas a partir do entendimento do papel da escola, de maneira geral, como o de formadora de cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender e interferir a/na realidade em que vivem. Dessa forma, cabe à escola no/do hospital problematizar a formação identitária de seus educandos, oportunizando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e valores necessários para o enfrentamento da realidade de adoecimento em que se encon-

tram a partir do processo de autoconhecimento. Durante a realização deste trabalho, utilizamos várias metodologias para trabalhar com os estudantes de forma lúdica, prazerosa e significativa. Dentre elas, destacamos algumas dinâmicas que foram propostas: a produção de histórias, utilizando sorteio de palavras e/ou frases. Ex.. "Era uma vez uma menina..."; uso de TV com alguns contos de fadas clássicos; produção de alguns personagens das histórias contadas com massa de modelar; bingo com palavras referentes às histórias trabalhadas a criação de estórias por parte dos estudantes, com temas do seu interesse. Durante o período de realização do projeto identificamos vários benefícios e contribuições para os alunos principalmente aqueles que mostravam mais resistência à escuta e escrita de estórias. Quanto às crianças e aos adolescentes vimos que a forma lúdica que trabalhamos o tema como as dinâmicas de produção de texto, escrita de livrinhos, estimulou os educandos a desenvolverem seus textos de forma leve sem monotonia e cansaço. Atuar junto aos estudantes que se encontram hospitalizados tornou-se então mais uma função desempenhada pela escola e representadas por alguns docentes que

decidem embarcar em uma nova empreitada: ensinar fora dos espaços escolares, a estudantes que se encontram doentes. As atividades realizadas junto a esses buscam, portanto, reduzir suas perdas nos campos educacionais, psicológicos e sobretudo, alavancar sua autoestima no período do tratamento. Neste sentido, a condição de doente exige um esforço físico e psicológico para a preservação da vida. Até porque, no espaço hospitalar, ela entra em grande sofrimento à medida que é despojada de suas roupas, de seus pertences e do convívio com a maioria de seus familiares. Porém, mesmo diante dessa fragmentação da vida, ela continua a ter fantasias, emoções e sentimentos, o que demanda uma visão de tratamento que contemple as especificidades da infância e uma compreensão integral do desenvolvimento do sujeito (GÓES; ROLIM, 2009). A continuidade dos estudos corrobora com a continuidade do processo de escolarização, com a compreensão do processo de adoecimento e a percepção de seguir em frente – afinal, mesmo não estando na escola regular, os estudantes continuam seu processo evolutivo - dando continuidade a seus planos futuros a partir da aquisição dos conhecimentos. Outra questão importante é a compreen-

são e melhor aceitação do câncer e das mudanças corporais que o acompanha a partir da própria compreensão do que é a identidade e como ela se compõe a partir dos nossos hábitos cotidianos. A ideia de que o processo de escolarização continua mesmo não estando na escola regular traz para o novo contexto em que esses sujeitos estão inseridos a ideia de continuidade. O estudante/paciente continua fazendo parte de um processo educacional, permanece sendo parte da escola e a escola a ser componente de sua rotina. Nesse sentido, percebemos o esforço de boa parte deles em transpor os limites físicos (dores, náuseas, sonolência) e psicológicos (falta de estímulo, esquecimento) e a aceitarem participar das atividades propostas pela equipe de professoras. Por fim, podemos compreender que o papel da escola, nesse sentido, vem ultrapassando vários limites territoriais e institucionais. A escola no/do hospital tornou-se então um espaço transformador em amplo sentido. Um lugar onde as coisas continuam acontecendo, um lugar para se sentir valorizado e sobretudo, um lugar de autonomia onde a voz dos estudantes é primordial para que o trabalho aconteça.

AMARAL, Licya Teles Souza do; MEDEIROS, Kiara Lilian Bernardino de; RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho. A construção identitária dos estudantes em tratamento oncológico: um processo de constantes ressignificações. In: SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR, 2., 2015, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2015.

BAPTISTA, M. T. D. S. O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, v. 2, p. 31-38, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo04.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2016.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 set. 2001, nº 177, Seção 1E, p. 39-40.

COVIC, Amália Neide; OLIVEIRA, Fabiana Aparecida de Melo. **O aluno gravemente enfermo**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Educação e Saúde; 2. v.)

GÓES, Maria Cecília Rafael de; ROLIM, Carmen Lúcia Artioli. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 509-523, set./dez. 2009.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN. Subcoordenadoria de Educação Especial. Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. **Apresentação do Serviço do Serviço de Classe Hospitalar e Atendimento Domiciliar**. 2014.

NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN. Subcoordenadoria de Educação Especial. Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. **Plano de orientação para professores e coordenadores que atuam nas classes hospitalares e domiciliares do rio grande do Norte.** 2015. (Em fase de conclusão).

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

## ESTREITANDO LAÇOS ENTRE A PRÁTICA EDUCATIVA HOSPITALAR E A ESCOLA REGULAR

Ana Lúcia de Souza Costa<sup>1</sup> – SME-Natal/RN  
Marivania Gonçalves de Medeiros<sup>2</sup> – SME-Natal/RN  
Verônica Maria do Espírito Santo<sup>3</sup> – SME-Natal/RN

---

Este trabalho tem como objetivo apresentar a prática pedagógica desenvolvida na classe hospitalar do Hospital Pediátrico Maria Alice Fernandes articulada com a escola regular, expondo as questões que norteiam esse trabalho de articulação entre a classe hospitalar e a escola. A classe hospitalar deve ser vista como espaço de uma sala de aula, inserida no ambiente hospitalar, com um atendimento pedagógico especializado. Esse trabalho caracteriza-se pela diversificação de atividades, por ser uma classe multisseriada que atende a criança e adolescentes internados em enfermarias pediátricas. A classe hospitalar tem como objetivo garantir o direito à educação da criança e/ou do adolescente que

se encontra em tratamento de saúde, por isso impossibilitados de frequentar a escola regular, dando continuidade à aprendizagem, garantindo o vínculo entre a criança e/ou adolescente e o ambiente escolar e contribuindo com o seu ingresso à escola de origem, colaborando para o seu processo de inclusão escolar. Apresentamos neste texto, o relato de experiência vivenciado no contexto da classe hospitalar e ao mesmo tempo na escola regular, tendo em vista a importância em estreitar laços entre esses espaços educacionais, que muito embora as práticas educativas aconteçam em espaços físicos diferentes, apresenta o mesmo objetivo: a aprendizagem do aluno. Os professores da rede municipal de

Natal que atuam nas classes hospitalares mantêm um vínculo com a escola regular, que chamamos de “escola de referência”, para fins burocráticos e pedagógicos. No decorrer do ano letivo, participamos dos planejamentos nesta instituição, juntamente com os professores e coordenadores pedagógicos, onde discutimos e socializamos projetos e práticas educativas. Ao tomar conhecimento do projeto anual o qual está sendo desenvolvido na escola e percebermos sua importância e contribuição no processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos, bem como a oportunidade de compartilharmos os conteúdos trabalhados na escola regular, flexibilizando-os e/ou adaptando-os conforme a realidade do nosso aluno

<sup>1</sup> Professora da rede municipal de Natal/RN. E-mail: costa.analucia@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da rede municipal de Natal/RN. E-mail: marisoriedem@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da Rede Estadual do RN. E-mail: veronicadoespirito@hotmail.com

resolvemos aplicá-lo na classe hospitalar. O projeto intitulado "Origem das coisas", visa provocar o aluno a refletir como seria a vida sem determinadas coisas que nos rodeiam, e que essas coisas foram criadas por alguém, desenvolvidas e aperfeiçoadas pela inesgotável criatividade humana, que está sempre inventando coisas ou jeitos para melhorar aquilo que já existe. Fizemos algumas adaptações, entre elas, a divisão mensal em subtemas: Origem do relógio, Origem da escrita e Origem do brinquedo. A metodologia também foi adequada às condições físicas dos alunos e ao ambiente hospitalar. Na execução do projeto, utilizamos diversas estratégias, como: levantamento de conhecimento prévio, leitura de textos informativos e paradidáticos, vídeos, produção de texto, pesquisas, práticas vivenciais, entre outras. Os alunos têm demonstrado interesse e prazer em participar das aulas e bom desempenho nas atividades propostas. A culminância do projeto acontecerá em um evento anual promovido pela escola regular, a FESTARN (Festival de Artes do Reginaldo Ferreira Neto), no qual serão expostos à comunidade escolar os trabalhos realizados pelos alunos e algumas apresentações culturais. Na oportunidade, socializaremos os tra-

balhos produzidos pelos alunos da classe hospitalar e divulgaremos a importância do trabalho pedagógico neste ambiente. Diante dessa vivência, podemos concluir que essa dinâmica do professor de classe hospitalar está inserido na escola regular, tem proporcionado relevantes contribuições para nossa prática pedagógica e conseqüentemente para a aprendizagem dos alunos, pois além de proporcionar o apoio pedagógico e a troca de experiências com demais professores da escola, também estamos expandindo o reconhecimento e a importância da prática educativa hospitalar.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Escola Regular. Educação Hospitalar.

## REFERÊNCIAS

---

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DO HOSPITAL

**Ilanna Marnea Araujo<sup>1</sup>**  
**Maria Tereza Gonçalves Lemos Dantas<sup>2</sup>**  
**Valéria Carla Vieira Gomes de Souza<sup>3</sup>**  
SME - Hospital Infantil Varela Santiago

A classe hospitalar se constitui um espaço em que assegura a continuidade dos estudos escolares às crianças e aos adolescentes que se encontram hospitalizadas, garantindo assim o seu direito à educação, estabelecido por Lei. A história do surgimento da classe hospitalar como sendo o espaço de aprendizagem dentro de um contexto de saúde, vem sendo construída desde o século XX, na França. No Brasil, a concretização desse espaço ocorreu em 1950 na cidade do Rio de Janeiro, em que há o primeiro registro de uma professora em atendimento, com o intuito de promover após o período de hospitalização. Foi apenas a partir da promulgação da Constituição Federal de

1988, que houve o reconhecimento da classe hospitalar como Direito da criança. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), também foi um elemento-chave nessa construção histórica, por se tratar de um documento que estabelece as diretrizes dos direitos desses sujeitos. Em meados de 2010, no Estado do Rio Grande do Norte, houve a implementação e o início das discussões acerca da importância das classes hospitalares como garantia de Direito. A partir de então, ações, decretos, leis e movimentos foram tomando dimensões maiores para o estabelecimento da classe hospitalar, como sendo um lugar de ensino – aprendizagem fora dos muros da escola. Esse espaço de

ensino-aprendizagem reúne alunos multisseriados que necessitam de acompanhamento pedagógico, proporcionando a continuidade dos estudos e o possível retorno a classe regular dando segmento ao processo de aprendizagem. O presente trabalho busca vislumbrar a prática pedagógica da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e o papel do professor no contexto hospitalar. A metodologia para o desenvolvimento desse trabalho foi a observação in loco da prática do professor e do processo de aprendizagem desse aluno, bem como a pesquisa bibliográfica. Geralmente, as atividades realizadas com estes alunos são encaminhadas por suas escolas de origem ou construí-

<sup>1</sup> Professora da Rede Municipal de Natal/RN. E-mail: ilannamarnea@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Rede Municipal de Natal/RN. E-mail: mariaterezalemos@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da Rede Municipal de Natal/RN. E-mail: valeriacarla08@gmail.com

das por meio de Projetos Pedagógicos. O trabalho por meio de projetos demanda, primordialmente, uma escuta atenta e sensível do professor, uma ligação empática com seu grupo de alunos, partilhando situações de aprendizagem que possam favorecer o surgimento de um tema. Esse tema poderá surgir de três caminhos: do aluno, da necessidade do setor ou do professor. A sequência didática é encadeada de atividades metodicamente planejadas, cada qual com seus objetivos, material e estratégias; e ou atividades encaminhadas pela escola de origem do aluno, onde as estratégias são articuladas para realizar essas atividades, respeitando o método de ensino da escola do mesmo, que tem como embasamento os documentos que regem a Educação, respeitando o nível de desenvolvimento do aluno que está inserido na classe hospitalar. Além desses documentos, buscamos contribuições de autores que dissertam sobre os assuntos referente a prática pedagógica no contexto hospitalar, tais como Rocha (2012), Matos (2010), Fonseca (2008) entre outros. Autores estes que nos fazem refletir: como estimular e desenvolver as habilidades dos alunos diante do adoecimento e hospitalização? Como se planeja para se trabalhar os conteú-

dos/atividades encaminhadas pela escola de origem do aluno? Qual é o papel do profissional da educação inserido no contexto hospitalar? As atividades proporcionadas compõem os conteúdos do nível da Educação Básica. São atendidas crianças desde o berçário até Ensino Fundamental I, que é a competência acadêmica. Nessa perspectiva, a prática pedagógica é constituída respeitamos três elementos fundamentais para uma boa aprendizagem: as necessidades biológicas do aluno (repouso, higiene, a alimentação, a sua enfermidade), as necessidades psicológicas (que se refere o tempo e o ritmo de cada um) e as necessidades sociais e históricas (que diz respeito à cultura e ao estilo de vida de cada um), conhecendo o aluno baseado nesses parâmetros, é organizada a rotina de maneira que viabilize seu conhecimento. No Setor do COHI (Centro de Oncologia Hematológico Infantil), onde os alunos passam maior tempo internados, primeiramente há o acolhimento, fazendo uma escuta pedagógica diante de sua apresentação, apresenta-se a proposta da classe hospitalar, proporcionando leituras de histórias abordando ou não o projeto pedagógico que foi construído. Depois do acolhimento, é trabalhado música e expressão corporal.

São realizadas atividades diagnósticas, atividades coletivas e é proporcionado o brincar livre. Finalizando sempre a rotina com nova escuta pedagógica focando em um aspecto importante: a fala da criança diante da aprendizagem do dia, como ela se analisa, analisa a prática, os envolvidos no processo de aprendizagem. Nos demais setores do hospital, o atendimento pedagógico em sua grande maioria se dá com sequência didática, pois o tempo de internação é bem menor. É preciso, quase sempre, iniciar e finalizar a proposta de atividade no mesmo dia, ou em poucos dias, sempre respeitando o período de internação do aluno. A rotina da sala de aula do hospital, não se difere do atendimento pedagógico no leito, apenas os cuidados desse atendimento no leito são maiores. Salientamos que temos a plena convicção que o papel de professor no hospital vai para além de uma prática pedagógica, assim, as ações dos educadores está sempre em processo de: ação-reflexão-ação. É nessa perspectiva que o trabalho é desenvolvido no Hospital Infantil Varela Santiago, que atende pacientes com idade de zero a quatorze anos que se encontram internados para tratamento. Diante da observação in loco e das leituras realizadas

podemos constatar que é desafiador vivenciar essa prática diária, pois muitas questões ainda permeiam a essa atuação. Nessa perspectiva, alguns questionamentos permanecem, necessitando ainda de reflexões: O professor está preparado para lidar com a dor, a finitude e as fragilidades humanas? Diante dessa questão, que estratégias utilizar para o conteúdo ser significativo? Esse será nosso grande desafio? O que ficou claro na observação realizada é que o profissional da educação no contexto hospitalar necessita ter uma escuta pedagógica e atrelar a essa escuta a formação de laços de afetividade com os alunos, assim se faz necessário utilizar diversas propostas metodológicas para dar sentidos aos conteúdos e que possa contribuir para a construção da aprendizagem. Essas estratégias dependerão da fase em que a criança se encontra, bem como do seu desenvolvimento cognitivo. Assim, ficou perceptível que nessa prática há uma grande responsabilidade do profissional na construção cognitiva de seu aluno, respeitando as singularidades e estimulando o desenvolvimento das habilidades. Muitas questões ainda necessitam ser respondidas e para isso há muitos caminhos que precisam ser trilhados, numa dinâmica, que possibilite cultivar

valores, construindo laço de afetividade e responsabilidade na construção cognitiva de nossos alunos, respeitando suas singularidades, e possibilitando ferramentas para sua construção de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Prática Pedagógica. Ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

---

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2008.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROCHA, Simone Maria da. **Narrativas infantis**: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

## **ORIENTAÇÃO FAMILIAR NO CONTEXTO DE HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA**

**Valéria Melli Arisi<sup>1</sup>** – HUJM/UFMT

**Luzia Campos de Almeida Moreira<sup>2</sup>** – HUJM/UFMT

**Maria Nazaré dos Santos Xavier<sup>3</sup>** – HUJM/UFMT

---

A doença crônica, em alguns casos, requer a necessidade de recorrentes hospitalizações. No caso da criança com doença crônica, as internações alteram a rotina familiar, além de requerer da criança e do familiar cuidador adaptações frente à rotina hospitalar. Outro aspecto da doença crônica refere-se à adesão ao tratamento solicitando em alguns casos mudanças de comportamento por parte da criança e da família. A partir disso, este estudo investigou a percepção do familiar cuidador e da criança com doença crônica em relação ao diagnóstico e a adesão ao tratamento. Realizou-se um estudo de caso de uma criança com 13 anos de idade com diagnóstico de Paralisia

Cerebral, e uma criança com 3 anos com diagnóstico recente de Síndrome Nefrótica, a partir da orientação familiar realizada pela equipe de saúde formada por médico, enfermeiro, pedagogo, psicólogo, nutricionista e assistente social. A orientação familiar (criança e familiar cuidador) sobre a doença e os cuidados é realizada na classe hospitalar de forma lúdica e pedagógica por meio de desenho do corpo humano e demonstração do processo fisiológico da doença. Nesse contexto, o professor atua no processo de aprendizagem da criança e do familiar sobre a doença. Este trabalho teve como objetivo conhecer a percepção do cuidador sobre a doença e os cuidados com

filho após a orientação familiar com a equipe multiprofissional do hospital. O estudo se caracteriza por ser abordagem exploratória. Segundo Piovesan e Temporini (1995, p. 321) “estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer”. Para os autores esse tipo de pesquisa. Ainda segundo os autores Piovesan e Temporini (1995, p. 321) “[...] tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere”. Desse modo participaram do estudo duas crianças e seus respectivos cuidadores, a primeira criança é um menino, internado a 14 dias, que

---

<sup>1</sup> Professoras da classe hospitalar do Hospital Universitário Júlio Müller. E-mail: valeriamelli@hotmail.com

<sup>2</sup> Professoras da classe hospitalar do Hospital Universitário Júlio Müller. E-mail: luziacmoreira@hotmail.com

<sup>3</sup> Professoras da classe hospitalar do Hospital Universitário Júlio Müller. E-mail: nazaresxavier@hotmail.com

frequente ensino fundamental, a partir de suporte especial para seu comprometimento físico e mental, foi proposto a orientação familiar para que a mãe aprendesse a manusear a sonda gástrica. A segunda criança é um menino com diagnóstico de Síndrome nefrótica (doença caracterizada por um conjunto de sinais, sintomas que se referem a uma elevação exagerada da permeabilidade dos glomérulos renais às proteínas), internado a 3 dias, e realizou a orientação familiar para que os pais pudessem conhecer a doença devido ao recente diagnóstico, assim como quais os cuidados necessários para o início do tratamento. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário contendo questões abertas e fechadas. O questionário foi aplicado após a realização da orientação pelos profissionais que acompanharam o procedimento. No presente estudo o número reduzido de participantes dificultou a realização de apontamentos consistentes, porém, oferece apontamentos preliminares a respeito da realização da orientação familiar enquanto uma estratégia de suporte a família e adesão ao tratamento. Nos dois casos apresentados, observa-se por parte do cuidador que a orientação trouxe melhor compreensão sobre a doença e cuidados, de modo que

é um espaço também para tirar dúvidas em que os pais puderam interagir com a equipe obtendo informações sobre os variados aspectos do tratamento, como a nutrição, medicamentos, causa e áreas de afetação no organismo. Desse modo, nota-se que esse tipo de proposta parece corroborar com a literatura da área sobre a realização de atividades lúdicas e seus efeitos na hospitalização por parte da criança e da família. Em relação à apresentação de uma escala de faces como forma de acesso a percepção do cuidador antes e após o procedimento, os resultados demonstram ser esse um meio acessível e sensível à busca da percepção. De modo geral, após a orientação o familiar cuidador relatou sentir-se mais confiante e percebeu a importância dos cuidados em relação à alimentação e aos cuidados. Ao solicitar que associassem livremente 3 palavras relacionadas ao procedimento, a mãe da primeira criança, apresentou as palavras, leite; comida; cuidado. Já a mãe da segunda criança disse nutricional; medicação correta; informação. O pai da segunda criança disse impactante; verdade; positivo. Quando solicitado que descrevessem o que acharam da orientação, de maneira geral, todos gostaram das explicações, que foi essencial

para compreensão e que os profissionais conseguiram passar a informação. Assim como consideram que após as explicações houve mudanças em relação aos procedimentos e cuidados com a doença do filho. Em suma, a orientação familiar realizada pela equipe multiprofissional visa diminuir o número de internações, promover a adesão ao tratamento, minimizar os efeitos da reinserção da criança no contexto escolar. A pedagogia se apresenta neste contexto como facilitadora entre a linguagem técnica dos profissionais e a compreensão dos pais, de modo que a ludicidade das práticas pedagógicas possibilita a melhor efetividade deste procedimento.

**Palavras-chave:** Orientação Familiar. Hospitalização Infantil. Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

---

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995.

## ATENDIMENTO PEDAGÓGICO AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO HUOL

**Karen Rodrigues Shirahama Modesto**<sup>1</sup> – Secretaria Municipal de Educação do Natal/RN  
**Lucimária E. Alves**<sup>2</sup> – Secretária de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte

Em 30 de dezembro de 2014, a classe hospitalar do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL) foi viabilizada por meio de assinatura de Termo de Cooperação Técnica entre a Secretaria da Educação e da Cultura do RN e o Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), objetivando a garantia do direito de crianças e adolescentes em tratamento de saúde continuarem estudando, em consonância com os documentos oficiais: Constituição Federal (artigo 214), a resolução 41 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente regulamenta o Direito da Criança e do Adolescente Hospitalizado, o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e

orientações – MEC/2002, dentre outros. As atividades pedagógicas desenvolvidas na Ala Pediátrica do Hospital Universitário Onofre Lopes, seguem o calendário letivo da Rede Estadual e Municipal de Ensino e conta com a mediação de três (3) professoras do quadro de profissionais efetivos, que realizam o atendimento ao estudante do Ensino Fundamental no turno matutino (7h às 11h) e ao estudante da Educação Infantil no turno vespertino (13h às 17h) de segunda a quinta-feira. Realizaremos um estudo de caso do Projeto Pedagógico desenvolvido no período de 7 a 22 de agosto de 2017 com o tema: Câmara Cascudo e o Folclore Brasileiro. O tema gerador foi elencado por acreditarmos em seu potencial mul-

tidisciplinar e estimulante para o público do Ensino Fundamental I, visando a participação efetiva do estudante nas atividades propostas em classe. Para os alunos que apresentaram as atividades escolares, o projeto foi realizado de maneira suplementar. As rodas de conversa diárias foram utilizadas como disparador dos estudos (parlendas, lendas, cirandas, adivinhas, festas populares, danças, dentre outros) incentivando a fala de cada sujeito que apresentava o seu conhecimento prévio e de mundo, o que enriquecia a atividade e aproximava-os, além de estimulá-los mutuamente como afirma Vygotsky (1984 apud FONSECA, 2003, p. 59): "O desenvolvimento e a aprendizagem se dão ao longo de um processo

<sup>1</sup> Setor de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação do Natal/RN. E-mail: shirahamakaren@hotmail.com;

<sup>2</sup> Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, sala 24, Centro Administrativo do Estado, BR 101 Km 0, Lagoa Nova – Natal/RN. CEP: 59064-901. E-mail: luci\_410@hotmail.com

histórico-social. A criança se desenvolve por meio de interações com o mundo que a cerca [...]”. As discussões que estes momentos proporcionavam abriram caminho para o desenvolvimento dos conteúdos escolares que abordavam desde a ortografia, produção textual, artes, pesquisa multimídia até as quatro operações e localização geográfica, além de proporcionar momentos de reflexão sobre o que pensava ser um saber já estabelecido como ressalta Fonseca (2003, p. 46): “Que a criança não trabalha de forma isolada. Ela constrói novos conceitos, os reformula e os aprimora diante das trocas que faz com o professor e com os colegas”. No decorrer do Projeto Pedagógico, os professores realizavam uma análise sobre a prática que estava sendo desenvolvida e o retorno dado pelos estudantes. Esses momentos foram de grande importância para que os profissionais pudessem dar continuidade, ou não, ao trabalho que estava sendo e como estava sendo desenvolvido, realizando as devidas adaptações e flexibilizações curriculares quando necessário. Consideramos que estar atentos aos sinais, cognitivos e emocionais, dados pelos estudantes é primordial para os professores em classes hospitalares, pois servem de norte para o

seu fazer levando “o professor a aperfeiçoar a assistência, de maneira a tornar a experiência da hospitalização um aspecto positivo para o crescimento e desenvolvimento da criança” (FONSECA, 2003, p. 31). A prática pedagógica na Classe Hospitalar instiga, também, a análise sobre diferentes pontos e, dentre eles, estão currículo e avaliação. No atendimento aos alunos participantes do nosso estudo de caso, deparamo-nos com a necessidade de uma parceria de confiança entre os sujeitos envolvidos, professores e alunos, e, nos casos de internação prolongada, entre a escola regular e a classe hospitalar. Tais parcerias são de grande importância para que a aprendizagem no Hospital ocorra de maneira significativa para os estudantes em seus caminhos de tratamento de saúde e reinserção escolar. Nesse contexto, registrávamos diariamente as atividades realizadas pelas e com as crianças, realizando as considerações sobre os conteúdos que estas demonstravam governar, como também, as suas dificuldades e necessidades de melhor acompanhamento. Acreditamos que dessa maneira apresentamos à escola, em que o estudante está matriculado, um relatório real do atendimento prestado, que possibilitará ao professor

da Escola de Origem do estudante a realização da avaliação, como rege a Portaria nº 981/2016 da Secretaria da Educação e da Cultura do RN no artigo 23, parágrafo único: “Cabe ao professor da classe hospitalar/domiciliar, articulado com a escola onde o estudante está matriculado, realizar a avaliação da aprendizagem, que poderá ser flexibilizada na forma e no tempo” (RIO GRANDE DO NORTE, 2016, p. 4). O atendimento educacional no Hospital necessita de análise e reflexão diária no que diz respeito a ensinar e como ensinar, numa perspectiva de sujeito integral, cognição e emoção, vislumbrando o cumprimento do direito à educação em seu sentido mais amplo. Finalmente, é importante salientar que como professores de classes hospitalares, precisamos estar abertos às mudanças, dispostos aos desafios e sensíveis aos alunos, afinal, os estudantes também nos ensinam e apontam os caminhos, sinalizando para uma prática pedagógica de qualidade.

**Palavras-chave:** Atendimento Pedagógico. Adaptação Curricular. Avaliação.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Portaria nº 981/2016 da Secretaria da Educação e da Cultura do RN. Estabelece Normas de Avaliação da Aprendizagem Escolar para a Rede Estadual de Ensino e dá outras providências. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, 2016.

**EIXO TEMÁTICO 2: FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR**

## **FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE CLASSES HOSPITALARES E DOMICILIARES: PRÁXIS DO NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR DO RN**

**Andréia Gomes da Silva<sup>1</sup>**  
**Karen Rodrigues Shirahama Modesto<sup>2</sup>**

---

O Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN (NAEHD/RN) é um serviço da Subcoordenadoria de Educação Especial (SUESP), que viabiliza a implementação de classes hospitalares e domiciliares, realizando o acompanhamento e a formação continuada dos professores que atuam nos ambientes sob sua responsabilidade. A formação continuada para professores que atuam nas classes hospitalares e domiciliares da rede estadual de ensino no RN é orientada pelo NAEHD/RN desde o ano de 2011. Tal ação encontra-se em seu sétimo ano, com 60 horas de carga horária, ocorrendo no decorrer do ano letivo vigente e integra-se às demais formações oferecidas pela SUESP. O público-alvo

a ser contemplado são os profissionais, professores, que estão exercendo suas funções nas Instituições conveniadas à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN (SEEC/RN), sendo esta uma das prerrogativas do Termo de Cooperação Técnica celebrado entre as instâncias. Iremos apresentar um panorama geral das ações que foram e estão desenvolvidas pelo NAEHD-RN, visando atender às necessidades didáticas pedagógicas do atendimento educacional hospitalar e domiciliar em nosso Estado. Iniciamos nossas formações no ano de 2011, abordando temáticas de iniciação a discussão sobre o atendimento educacional hospitalar e domiciliar. Visto ser o primeiro ano de atividades do serviço,

intitulamos nossa formação de Seminário de Formação para Professores que atuam nas classes hospitalares do RN. Essa ação foi elaborada com o intuito de inserir o professor no ambiente hospitalar tendo em vista a sua integração, além da sua prática pedagógica. Em 2012, foi dada continuidade na formação abordando temáticas sugeridas a partir da avaliação realizada pelos professores no ano anterior. Participamos como colaboradores do I Seminário Regional sobre Atendimento Educacional Hospitalar e II Seminário de Formação para Professores que atuam nas Classes Hospitalares do RN, a partir de então juntamos nossa formação ao evento promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

<sup>1</sup> Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN/SEEC/SUESP/NAEHD. E-mail: andreia-lagoa@hotmail.com

<sup>2</sup> Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN/SEEC/SUESP/NAEH. E-mail: shirahamakaren@hotmail.com

Realizamos, em 2013, o III Seminário de Formação para professores que atuam nas Classes Hospitalares do RN, onde os professores apresentavam estudos e seminários a partir do livro "Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar" da Professora Eneida Simões Fonseca, abrangendo os coordenadores pedagógicos contratados pelas Instituições e que nelas atuavam. Nesse mesmo ano iniciamos o Grupo Vivencial, que tem como característica encontros mediados por uma psicóloga a fim proporcionar escuta sensível às demandas emocionais dos professores que atuam no contexto hospitalar. Já em 2014, o IV Seminário de Formação para Professores que Atuam nas Classes Hospitalares do RN foi vinculado a VI Jornada Pedagógico de Educação Especial, realizada pela SUESP, visando promover uma maior integração entre os serviços de Educação Especial. O grupo vivencial se manteve por meio de encontros promovidos separadamente em dias distintos aos dias de formação com todos os serviços da SUESP. O I Fórum de Atendimento Educacional e o Brincar em Saúde: Planejando e Avaliando, foi pensado e realizado a partir da necessidade apresentada pelo Hospital Giselda Trigueiro. O evento foi desenhado numa

perspectiva de favorecer a discussão e reflexão sobre como avaliar e planejar as ações realizadas pelo atendimento educacional a crianças e adolescentes em tratamento de saúde no RN. Retomamos, em 2015, a parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Natal no intuito de ampliar a integração entre as Redes e de elaborarmos um documento de estratégias e orientações para as Classes Hospitalares e Domiciliares do RN. O ano foi dedicado aos estudos e discussões para a elaboração desse documento. Tomamos como base uma perspectiva de gestão democrática, orientada pela LDBEN 9.394/96, na qual todos participam na elaboração e acompanhamento do documento. Também no ano de 2015 foi realizado pela UFRN, em parceria com a SEEC/RN, o II Seminário Regional sobre Atendimento Educacional Hospitalar e o V Seminário de Formação para Professores que Atuam nas Classes Hospitalares do RN. Além disso, disponibilizamos aos professores do NAEHD-RN a participação na ação de formação continuada Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), oferecida pelo Ministério da Educação (MEC). Finalmente, realizamos o I Fórum sobre Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do

RN, nos quais os professores apresentaram casos de relevância a fim de compartilhar experiências sobre as práticas pedagógicas. Ao chegarmos ao ano de 2016 nossas formações passaram a ser um curso de extensão da UFRN, por meio do Programa de Formação Continuada do Centro de Educação (PROFOCO/CE), intercalando temáticas que contemplaram a prática educativa e o grupo vivencial. Finalizamos esse ano com a realização do II Fórum sobre Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN, na perspectiva de abrir espaço para as práticas educativas realizadas pelos professores das classes. No ano em curso estamos dando continuidade à parceria SEEC/RN, SME/Natal e UFRN quanto as nossas formações como curso de extensão. Realizamos no mês de junho I Encontro Potiguar de Educação em Contexto Hospitalar e realizaremos em novembro o III Seminário Regional Sobre Atendimento Educacional Hospitalar e III Fórum Sobre Atendimento Educacional Hospitalar E Domiciliar do RN. Diante do exposto sobre a Formação Continuada dos Professores das Classes Hospitalares e Domiciliares do RN nos últimos anos, comungamos com Fonseca (2003) quando esta afirma que o educador necessita estar apto para lidar com

as referências subjetivas das crianças, e precisa ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas flexíveis, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança. Reconhecemos os desafios da prática pedagógica no contexto hospitalar e, em nossas formações, buscamos oportunizar aos professores um espaço de discussão e reflexão, pois o professor, o assistente social, o psicólogo e os demais profissionais afins, devem buscar em si próprios o verdadeiro sentido de 'educar', devem ser o exemplo vivo dos seus ensinamentos e transformar suas profissões numa atividade cooperadora do engrandecimento da vida (MATOS; MUGIATTI, 2008). Ressaltamos aqui a interface entre as áreas de Saúde e Educação promovendo, assim, uma perspectiva de atenção e cuidado integral aos escolares hospitalizados, como também motivação e interação durante o processo de internação hospitalar, preparando-os para sua reintegração no ambiente escolar e social de origem. A formação continuada é uma práxis desenvolvida pelo NAEHD/RN para seus professores e almejamos que se apresente de forma consistente, reflexiva, implicando o professor no processo da constituição de uma prática pedagógica de qualidade.

Acreditamos que assim estaremos de fato contribuindo para a efetivação do direito das crianças e adolescentes hospitalizados à educação, além de fortalecer o diálogo entre Educação e Saúde.

**Palavras-chave:** Formação Continuada. Professores. Classe Hospitalar e Domiciliar.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL. Senado Federal. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996, p. 27833.

FONSECA. Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: MENON, 2003.

MATTOS, Elizete Lucia Moreira; MUGGIAT, Margarida T. de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Champagnat, 2008.

## FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGENS COM CRIANÇAS EM CLASSES HOSPITALARES

Roberta Ceres Antunes Medeiros de Oliveira<sup>1</sup>  
Maria da Conceição Passeggi<sup>2</sup>  
Ana Karoliny de Souza Silveira<sup>3</sup>

As classes hospitalares são espaços em que crianças e professores experienciam aprendizagens pedagógicas emancipatórias de garantia do direito universal à educação. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar resultados de pesquisa, em andamento, acerca de experiências com crianças em tratamento de saúde, e contribuições dessas experiências para a formação docente in loco. A pesquisa integra um projeto mais amplo, financiado pelo CNPq "Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância" (MICT-CNPq|EditalUniversal-14/2014, processo nº 462119/2014-9) desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa,

Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividade (GRIFARS-PPGED-UFRN-CNPq). O referencial teórico situa-se na encruzilhada do movimento internacional da pesquisa (auto)biográfica em educação; do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação; dos estudos da infância e da psicologia narrativa. Como proposta metodológica, inspiramos-nos em Passeggi (2011) para realizar o grupo reflexivo com professoras de três classes hospitalares da cidade de Natal/RN. Consideramos como material empírico, narrativas autobiográficas (orais e escritas), elaboradas individualmente e em grupo, acerca das experiências com crianças em contexto hospitalar. Mediante

institucionalização de projeto de pesquisa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAWSL/UERN), ampliamos nossas proposições para pensar a formação docente, buscando colaborar com a formação de discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia, aproximando estudantes de iniciação científica ao contexto das classes hospitalares, espaços de atuação pedagógica na sociedade contemporânea. Buscamos identificar experiências com crianças em tratamento de saúde, as quais fazem parte do trabalho pedagógico das professoras e relacioná-las aos princípios que fundamentam a formação e atuação docente "no chão do hospital". Estamos diante de processos de

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: roberta\_ceres18@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: mariapasseggi@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: karolsilveira.30@hotmail.com

formação inicial e continuada, que nasce na prática e se destina a um público específico: crianças em tratamento de saúde. Nesse cenário, os professores, como sugere Nóvoa (2002, p. 22), “são, ao mesmo tempo, objetos e sujeitos da formação. É no trabalho individual e colectivo de reflexão que eles encontram os meios necessários ao seu desenvolvimento profissional”. Consideramos as narrativas autobiográficas como fonte e método para atingir tal fim, uma vez que nelas, encontramos registros das experiências de vida desses sujeitos, os quais são seres únicos, que produzem vida com o coletivo de sua profissão. Ao elaborar suas narrativas de experiências com as crianças em tratamento de saúde, as professoras refletem acerca do que aconteceu e do que lhes aconteceu nesse processo, ao exporem tais narrativas no grupo reflexivo, vivenciam o processo de reflexividade autobiográfica individual e coletivamente, delineando narrativas de um ethos docente em contexto hospitalar. Buscamos cooperar para dar visibilidade às aprendizagens biográficas que fazem as professoras no “chão do hospital” como forma de superar a ausência de uma formação específica para docência fora da escola regular,

chamando a atenção para a necessidade de pesquisas nessa área que fundamentam políticas e práticas de formação docente que atentem para essa especificidade na formação inicial e continuada de professores. Compreendemos, com os estudos de Nóvoa (2002), que para se pensar a formação, se faz relevante partir do pressuposto de que há de se entender, inicialmente, as relações do trabalho pedagógico e da formação de professores com a comunidade, a autonomia e o conhecimento. O trabalho pedagógico em classes hospitalares é constituído por relações com a comunidade, sendo esta constituída por crianças, famílias, profissionais de saúde, professores, hospital, escola. Essas relações são constituídas de trocas entre todos os agentes do processo, a ação de um interfere na do outro. As professoras-narradoras dialogam sobre as mudanças que acometem as crianças em tratamento de saúde, considerando que elas constroem uma nova identidade, novos saberes, novos fazeres, há uma cooperação, cumplicidade, relação de partilha, amizade no hospital. Acerca do trabalho pedagógico em classes hospitalares e sua relação com a autonomia dessas docentes, a associamos a três fatores principais: escolhas pedagógicas, ética

docente e liberdade autobiográfica. Este último ponto diz respeito, inicialmente à liberdade de escolha das professoras em saírem da escola regular e adentrarem ao contexto hospitalar, opção em desenvolver a docência em um espaço diferenciado, atitude que implica desafios, como nos aponta Oliveira (2016). O trabalho pedagógico em classes hospitalares e a formação contínua in loco possui estreita relação com o conhecimento docente. Esse conhecimento advém das aprendizagens ao longo da vida, na dimensão do *lifewidelearning*, em todos os tempos e espaços da vida, pela congruência das aprendizagens formais, não formais e informais. Oliveira (2016) e Passeggi (2016) caracterizaram esse conhecimento individual como resultante de um capital autobiográfico, acumulado ao longo da vida, que contribui no exercício cotidiano da prática profissional docente. Tais experiências configuram-se como aprendizagens ricas de sentidos particulares ao que se pensa e faz em práticas profissionais de garantia do direito de todos à educação. Ao pensar na inserção de estudantes de graduação a experienciarem tais aprendizagens, lembramos a seguinte citação de Freire (1991) que emerge em nós um pensamento reflexivo e propositivo

sobre o ser, estar sendo e vir-a-ser professor: "A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática" (FREIRE, 1991, p. 58). É nessa perspectiva de formação experiencial que intencionamos prosseguir apresentando, partilhando, estimulando, teorizando acerca da prática docente reflexiva com estudantes e professoras em classes hospitalares.

**Palavras-chave:** Experiências com Crianças. Formação Docente. Pesquisa (Auto)biográfica em Educação. Narrativas Autobiográficas. Classes Hospitalares.

## REFERÊNCIAS

---

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa, Portugal: EDUCA, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de. **Narrativas de aprendizagens ao longo da vida**: uma pesquisa-ação-formação com professoras de classes hospitalares. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **Projeto de pesquisa** - Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância. Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, (Auto)Biografia, Representação e Subjetividades. Natal: UFRN, 2014. Financiando pelo MICT/CNPq - Edital Universal - 14/2014, processo nº 462119/2014-9.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Revista Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

## **EXPERIÊNCIAS COM PROFESSORAS EM CLASSES HOSPITALARES: APRENDIZAGENS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DOCENTE**

**Roberta Ceres Antunes Medeiros de Oliveira Janaina<sup>1</sup>**

**Maria Lopes Soares<sup>2</sup>**

**Vilma Áurea Macêdo<sup>3</sup>**

O movimento de encontro do professor com o estudante em outro lugar não instituído, tradicionalmente, para fins educacionais conduz a um processo de caminhar para o outro, ampliando o conceito de escola – o professor vai ao encontro de crianças, jovens, adultos que necessitam de acompanhamento pedagógico, esse processo caracteriza-se como um modo de praticar uma pedagogia emancipatória, rompendo com modelos canônicos de se pensar a escola, os sujeitos aprendentes, a formação docente e a educação, em sentido mais amplo. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar resultados de pesquisa, em andamento, a qual busca investigar processos de formação inicial e continuada de professoras em classes hospitalares, na possibilidade da

aprendizagem ao longo da vida, mediante experiências de pesquisa-formação. A pesquisa integra um projeto institucionalizado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Experiências docentes de aprendizagens com crianças em classes hospitalares, o qual se insere em um projeto mais amplo, financiado pelo CNPq "Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância" (MICT-CNPq|EditalUniversal-14/2014, processo nº 462119/2014-9), desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividade (GRIFARS-PPGED-UFRN-CNPq). O referencial teórico situa-se entre o movimento internacional da pesquisa (auto)biográfica em educação e o

movimento socioeducativo das histórias de vida em formação. Como proposta metodológica, inspiramo-nos em Passeggi (2011) para realizar o grupo reflexivo com quatro professoras de três classes hospitalares da cidade de Natal/RN, e quatro estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UERN, Campus Avançado de Assú/RN. A princípio, buscamos refletir acerca da questão para quem serve a escola? É com base nos princípios que norteiam a prática docente progressista, de acolher os estudantes enquanto sujeitos de direitos, compreendendo a educação como um direito universal, que a escola deve então a eles servir. Essa prioridade educativa vai ao encontro da proposta de Nóvoa (2002), que consiste em uma abertura das escolas, pondo

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: roberta\_ceres18@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: janainasoares3@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: macedovilmaurea@yahoo.com.br

fim aos constrangimentos corporativos, estatais ou burocráticos, conservando, o caráter público da coisa educativa. Defendendo essa hipótese, Nóvoa (2002) aponta que nessa perspectiva, há de se pensar as consequências que esse processo acarreta para o trabalho e estatuto dos professores. Congratulamos dessa proposição, buscamos refletir acerca das demandas que surgem na prática docente em contexto hospitalar, espaço aberto a uma nova conjuntura de se pensar e fazer educação pública. Tomando com base os estudos de Alheit e Dausien (2006), Passeggi, Oliveira e Rocha (2016), que destacam a formação para além das formas institucionalizadas, buscando a valorização das experiências cotidianas, identificamos em Oliveira (2016) desafios e superações da prática docente em classes hospitalares, ressaltando aprendizagens explícitas ou tácitas de formação docente com crianças e adolescentes em tratamento de saúde. Buscamos pensar, problematizar e compreender a prática e formação docente, no intuito de integrar conhecimentos experienciais na iniciação científica, no contexto da formação docente “no chão do hospital”. O pre-

sente trabalho é resultado de pesquisas, desenvolvidas e em desenvolvimento, na perspectiva da formação docente em contexto hospitalar. Ressaltamos a pesquisa-formação já iniciada com quatro professoras de classes hospitalares (Ana, Selma, Luciana e Talita)<sup>4</sup>, atuantes em três classes hospitalares de Natal/RN, desde 2014, quando realizamos entrevistas narrativas autobiográficas individuais com cada docente, e encontro com o grupo reflexivo (OLIVEIRA, 2016). Numa perspectiva longitudinal, esse trabalho tem prosseguido até o presente momento, com a proposta de encontros com o grupo reflexivo. Nosso objetivo atualmente é ampliar os encontros com o grupo reflexivo, para que possamos dar continuidade ao trabalho já iniciado e aprofundar conhecimentos teórico-pedagógicos inerentes à prática docente em contexto hospitalar, colaborando para a formação inicial e continuada de professoras e estudantes in loco. Com uma proposta de abordagem metodológica dialógica e horizontal, reconhecemos os encontros com o grupo reflexivo como momentos de interação, trocas, vivências em roda, círculos de equidade entre

todas as participantes, incluindo as professoras-narradoras, as estudantes e a pesquisadora. Mediante esses encontros podemos experimentar empiricamente a potencialidade formadora das narrativas autobiográficas. O momento da partilha em grupo sinaliza que essas ocasiões de compartilhamento ajudam cada uma a refletir sobre si com outras pessoas que experienciam ações semelhantes em suas atividades humanas, e vão conhecendo o outro a partir de suas experiências singulares, contribuindo para um auxílio e bem-estar daquilo que está sendo carregado por cada uma delas. Nossas expectativas para a formação inicial se entrelaçam aos objetivos da pesquisa-formação com professoras de classes hospitalares, ampliando o conceito de escola, a visão de educação, e a função do professor em contextos diferenciados de atuação pedagógica, buscando contribuir para uma formação humana reflexiva e propositiva.

**Palavras-chave:** Experiências com Professoras. Formação Docente. Iniciação Científica. Narrativas Autobiográficas. Classes Hospitalares.

<sup>4</sup> Fazemos uso de pseudônimos para preservar a identidade das participantes, conforme contratualização firmada pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

## REFERÊNCIAS

---

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa, Portugal: EDUCA, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de. **Narrativas de aprendizagens ao longo da vida**: uma pesquisa-ação-formação com professoras de classes hospitalares. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **Projeto de pesquisa** - Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância. Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, (Auto)Biografia, Representação e Subjetividades. Natal: UFRN, 2014. Financiando pelo MICT/CNPq - Edital Universal - 14/2014, processo nº 462119/2014-9.

PASSEGGI, Maria da Conceição; OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de; ROCHA, Simone Maria da. Classes hospitalares: à escuta de professoras sobre suas aprendizagens no “chão do hospital”. In: MENEZES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de; PAIVA, Marlúcia Menezes de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). **Práticas Educativas**: Educação Escolar e Não Escolar. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. p. 179-198. (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador).

## O "SER" PROFESSOR NA CLASSE HOSPITALAR/DOMICILIAR

Gabriella Pereira do Nascimento<sup>1</sup>

Professor – uma palavra que traz com ela uma diversidade de significados. Nos remete diretamente ao local onde passamos grande parte da nossa vida – a escola. É exatamente desse profissional que trataremos aqui, objetivando fazer uma imersão à vivência na educação hospitalar afim de compreender como se desenvolve a práxis pedagógica, bem como as relações, tanto profissionais quanto afetivas, estabelecidas nesse processo. O relato sobre a prática aqui apresentada tem como contexto a classe hospitalar e domiciliar da Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva, cujo atendimento é direcionado às crianças e adolescentes com diagnóstico oncológico ou hematológico. A princípio, compreendemos o professor essencialmente como aquela pessoa que nos ensina uma diversidade de saberes, que troca, que provoca, que media as relações entre o

aprendente e o aprendiz. É aquele que nos estimula a aprender mais, é o parceiro, amigo, até confidente. Às vezes, é também a figura que dá medo, não da pessoa, mas daquele conteúdo que insiste em não ser compreendido, dos testes, dos trabalhos e das tão temidas provas! Quem não tem um nome guardado da memória daquele professor que marcou a sua própria história? Tantos são os papéis assumidos pelo professor durante o processo de desenvolvimento humano, que por vezes se confundem com a nossa própria história de vida. Mas, quando parte desta história é marcada por um diagnóstico médico devastador, estará comprometida a relação do aluno com este profissional? Com a escola? Com seu aprendiz? Para muitas crianças e adolescentes é dentro do hospital que o reencontro com o professor acontece. Diante de tamanha incerteza sobre a con-

dição de saúde e perspectiva de vida, há um profissional disposto a fazê-la pensar no futuro, a substituir o vazio ocasionado pelo medo do tratamento médico, por um leque gigantesco de aprendizado e perspectiva de futuro. É na classe hospitalar ou na escola do hospital que a educação alcança novamente os educandos, sendo um momento de segurança diante de tantas incertezas, pois é por meio dela que o contato com o universo do lado de fora do hospital acontece, que a rotina de vida é reestabelecida (na medida do possível) e que a oportunidade de um novo encontro com a aprendizagem acontece. No ambiente hospitalar, a práxis pedagógica sobressai ao que se estabelece nas escolas regulares. Nesse ambiente, aliar o conhecimento e o afeto é essencial para o desenvolvimento das ações educativas. A exigência vai além da transmissão dos conteúdos escolares, mas também

<sup>1</sup> Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva. E-mail: pedagogia@casadurvalpaiva.org.br

precede o conhecimento, mesmo que mais superficial, das práticas terapêuticas, procedimentos médicos estabelecidos, os diagnósticos, bem como os desdobramentos tanto físicos quanto psicológicos ocasionados pela doença. É necessário compreender o quadro de saúde do aluno e trabalhar respeitando sua condição física e mental, levando em consideração principalmente os sentimentos do educando (medo, agressividade, resistência, incertezas, entre outros). Nesse sentido, há uma troca constante de aprendizado. Quem ensina aprende e quem aprende ensina, constantemente. Em meio a essa troca de aprendizado, o professor aperfeiçoa sua prática e por vezes trabalha transformando os procedimentos e a rotina hospitalar em um meio de aquisição de conhecimentos, de forma lúdica, utilizando o contexto do aluno como ferramenta de ensino aprendizagem. As atividades na classe hospitalar, exigem também do profissional grande flexibilidade e criatividade relacionada à transmissão dos conteúdos. O trabalho com viés lúdico e interdisciplinar é a base forte para a construção de um processo educativo significativo, pois faz com que o aprendizado ocorra de maneira prazerosa, sobressaindo às

dores, medos e incertezas do tratamento médico. Nesse sentido, sugere-se que as atividades ocorram com início, meio e fim no mesmo dia. Além da relação direta com o aprendente, o professor também assume papéis significativos para a família. Por vezes, atua com interlocutor entre a equipe médica, o paciente e seus entes. Por meio do diálogo estabelecido, se formam os vínculos de confiança, o que possibilita uma atuação mais significativa dentro da sala de aula. Diante de tantos papéis, de tamanhas exigências, da diversidade de particularidades e da abrangência de possibilidades educativas, é importante compreender que antes de profissional, o professor é humano e é exatamente nesse ínterim que o cuidado deve ser redobrado. Trabalhar na classe hospitalar exige tamanho cuidado físico e psicológico, cabe continuamente autorreflexões sobre sua prática diária, sobre seu envolvimento com a profissão bem como os alunos e familiares. Atuar no ambiente hospitalar é também lidar com a possibilidade de perdas, presentes a todo momento na rotina de tratamento médico das crianças e adolescentes. Nesse sentido, é preciso antes de tudo respeitar os limites do outro, atuando com ética e humanidade, mas também respeitar os

próprios limites, criando estratégias de enfrentamento das dificuldades observadas no cotidiano da classe hospitalar. O Ser professor no hospital é, assim, ser para si e para o outro. É pensar e atuar na educação com respeito aos direitos do aluno e de suas necessidades educacionais. É assumir o papel de provocador e mediador não somente de conteúdos formais, mas estar pronto para ouvir os mais diversos questionamentos sobre o tratamento médico, é estar pronto para ganhar e perder na batalha da vida, mas principalmente, é possibilitar, enquanto possível for, o acesso à uma educação significativa e de qualidade, pois o futuro na classe hospitalar, é já. Nesse relato, perceberemos como se dá o encontro do professor com uma nova realidade de ensino e o desenvolvimento da sua prática diante da efetivação de direitos que oportunizam a cada educando pensar no futuro, substituindo o vazio ocasionado pelo medo do tratamento médico, por um leque gigantesco de aprendizado e perspectiva de vida.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Classe Domiciliar. Formação Docente.

## REFERÊNCIAS

---

ALBERTONI, Lea Chuster. **A inclusão escolar de alunos com doenças crônicas**: professores e gestores dizem que... Curitiba: Appris, 2014.

LIMA, Michelle Cristina C. de. Natel, Maria Cristina. A psicopedagogia e o atendimento pedagógico hospitalar. **Rev. Psicopedagogia**, v. 27, n. 82, p. 127-39. 2010.

NASCIMENTO, C. T. A psicopedagogia no contexto hospitalar: quando, como por quê? **Rev. Psicopedagogia**, v. 21, n. 64, p. 48-56. 2004.

**EIXO TEMÁTICO 3: OLHARES DA INFÂNCIA NUMA  
PERSPECTIVA MULTIPROFISSIONAL NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR**

## A LITERATURA INFANTIL NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES (HUOL)

Luciana Lopes da Silva Costa<sup>1</sup>  
Jacylene Melo de Oliveira Araújo<sup>2</sup>

Este trabalho é um recorte do artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ao curso de Pedagogia no semestre 2017.1 e teve como objetivo refletir e compreender sobre as implicações da literatura infantil nos aspectos emocionais das crianças em tratamento na pediatria do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Este trabalho tem como base a Abordagem Qualitativa da Pesquisa Educacional de natureza exploratória, para o qual realizamos uma revisão da literatura (ABRAMOVICH, 1997; MATOS; MUGIATTI, 2001 entre outros), assim como a análise documental e a aplicação de questionários com as pedagogas e psicóloga que atuaram no projeto de literatura proposto pela classe hospitalar. Nesse sentido, partimos dos seguin-

tes questionamentos: como a literatura possivelmente reflete e pode implicar nos aspectos emocionais e no desenvolvimento pedagógico das crianças que se encontram hospitalizadas? Como a classe hospitalar, por meio da contação de história, pode influenciar decisivamente na melhoria dos aspectos emocionais das crianças? Nos nossos estudos compreendemos que para Piaget (1995), o afetivo é caracterizado como a energética das condutas, ou seja, aquilo que nos impulsiona para ação, no mais "a afetividade e a inteligência são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana" (PIAGET, 1995, p. 22). O ambiente do hospital é, por vezes, encarado como um lugar de sofrimento e dor, um lugar patológico e

que representa um momento de exclusão, por assim, dizer, frente à mudança de rotina cotidiana de quem está hospitalizado, ainda mais se tratando de uma criança, que além de enfrentar a enfermidade, precisa necessariamente, adaptar-se ao novo cotidiano: hospitalização, medicalização, afastamento da escola e do convívio frequente com familiares e amigos. Assim sendo, a literatura como ferramenta indispensável do ensino e aprendizagem das crianças hospitalizadas, bem como de humanização e fortalecimento de vínculos emocionais, tem um papel fundamental, uma vez que, tem como propósito amenizar o sentimento de desconforto encontrado em crianças hospitalizadas, onde ela, mesmo estando em um quarto, pode encontrar um mundo por

<sup>1</sup> Pedagoga graduada no curso de Pedagogia Presencial Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (UFRN/CE).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Educação (DFPE/CE/UFRN). E-mail: Jacyeneufrn2@gmail.com

meio das páginas dos livros, das histórias, encenações e conversas. Por meio da literatura infantil, podemos levar a criança para um mundo de imaginação, fantástico e encantador de sua vida, por meio de histórias encantadas, fábulas e contos de fadas. Une os sonhos e a vida na sua praticidade, a interconexão entre o real e o imaginário, os ideais e a possibilidade de realizações. Quando a literatura é lida em voz alta para uma criança faz com que ela desperte sua sensibilidade para diferentes formas de fala e ainda tem o efeito positivo sobre a atenção seletiva, a capacidade de se desligar de outras fontes de estímulo, mantendo-se concentrada numa só atividade por períodos mais longos e assim esquecem um pouco da sua rotina no hospital. Compreendemos a partir de Matos e Mugiatti (2006, p. 21) "o quão importante é esta ideia para o trabalho no contexto hospitalar na medida em que a proposta é propiciar um ambiente mais humanizador e menos técnico". A implementação da classe hospitalar que tem como finalidade atender às necessidades educacionais das crianças e adolescentes hospitalizados, tendo em vista garantir o direito à continuação da escolarização e almejando contemplar todas as áreas do conhecimento, por meio de uma ação-pe-

dagógica--educacional, surgiu como um movimento que buscava garantir a acesso das crianças hospitalizadas à escolarização, independentemente de seu quadro patológico. Isso contribuiu para que no ano de 1994, fosse publicado por meio da Secretaria de Educação Especial do MEC, o documento "Política Nacional de Educação Especial" (PNEE), que preconiza que a classe hospitalar fosse implementada nas instituições hospitalares em que tenham crianças hospitalizadas que precisam se afastar da escola e que necessitem de educação especial. Por esse viés, foi autenticada a classe hospitalar como uma das modalidades de atendimento especial, que segundo a Secretaria de Educação Especial do MEC, é conceituado como: "Ambiente Hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados, que necessitam de educação especial ou que estejam em tratamento, assegurando sua reintegração ao currículo" (BRASIL, 1994). Dessa forma, a classe hospitalar, tem uma contribuição fundamental, na humanização do tratamento, além de garantir à criança e ao adolescente hospitalizado a possibilidade de acompanhar os conteúdos escolares, levando em conta os conteúdos do currículo escolar e o nível (ano) escolar

em que está inserido. Na perspectiva da inclusão, mediante aos ordenamentos legais que garantem a escolarização à criança e ao adolescente que necessitam de internação hospitalar. A legislação brasileira, por meio do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1995), reconhece o direito à continuidade de escolarização, conforme estabelece a resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, no item 9, que legitima: "o direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar" (BRASIL, 1995). A Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC/RN) por meio da Subcoordenadoria de Educação Especial (SUESP) desde o ano de 2010 disponibiliza o serviço de classe hospitalar e domiciliar para alunos em tratamento de saúde. Coordenado e realizado pelo Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN (NAEHD/RN), que tem como objetivo viabilizar o atendimento educacional para crianças e adolescentes em tratamento de saúde por meio da implementação de classes hospitalares, acompanhamento e a formação dos professores que atuam nas instituições

parceiras que possuem o serviço por meio do Termo de Cooperação Técnica. Hoje, a SEEC/RN possui convênio com oito instituições hospitalares e casas de apoio, com dezenove professores vinculados ao NAEHD/RN, dentre essas instituições, tem-se a classe hospitalar do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Em relação à classe hospitalar do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL/UFRN), ela é composta por profissionais de Psicologia e Pedagogia. O horário de funcionamento é das 7 às 10 horas e das 13 às 16 horas. A classe possui dois anos de atuação; foi implementada em março de 2015, tendo como primazia a garantia dos direitos das crianças/adolescentes que estão em tratamento de saúde, possibilitando a eles, darem continuidade aos estudos enquanto estiverem hospitalizados. Nesse sentido, pudemos observar que no hospital, o pedagogo vivencia sensações e emoções e lida com elas de uma forma intensa na medida em que auxilia as crianças, da melhor maneira possível, no convívio com a doença e o ambiente hospitalar. Com essas sensações e emoções aprendem a redimensionar o ensino e as ênfases cognitivas na operação do processo ensino-aprendizagem. Na realidade hospitalar, os processos de ensino

operados são diferentes dos processos de uma escola regular. No ambiente hospitalar, as condições são bem mais abarçantes e a voz da criança é prioridade. Portanto o pedagogo passa a exercer um papel que vai além da aplicação de técnicas, que por sua vez, são fundamentais para o desenvolvimento de um bom trabalho, mas que não pode se restringir a isso, passando a oferecer as crianças um momento de fala e de ressignificação do momento em que estão vivendo. Ele possui elementos que proporcionam e condicionam a criança e adolescente a uma viagem fora do ambiente hospitalar, tornando aquele momento único e inesquecível.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Literatura. Pediatria. Aspectos Emocionais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, 13 de outubro de 1995. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial de Brasília**, Brasília, DF, 17 out. 1995. Seção 1, p. 319-320.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Disponível em: <<http://www.ebserh.gov.br/web/huol-ufrn>>. Acesso em: 8 maio 2017.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. Tecendo algumas considerações sobre a pedagogia hospitalar. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar**: novos cenários, novos desafios. Curitiba: Champagnat, 2001. p. 323-344. Disponível em: <[http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/franciany\\_alvares.pdf](http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/franciany_alvares.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2017.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 21. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

## NARRATIVAS INFANTIS – O QUE NOS CONTAM AS CRIANÇAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO SOBRE A INSERÇÃO E A REINserÇÃO ESCOLAR

Senadaht Barbosa Baracho Rodrigues<sup>1</sup>  
Maria da Conceição Passeggi<sup>2</sup>

Quando uma criança é acometida por uma doença grave, normalmente rompe com suas práticas cotidianas e, muitas vezes, com o convívio dos familiares e coleguinhas. Diante de um diagnóstico repleto de estigmas e tabus como o câncer, o infante passa a conviver com a incerteza, a dor e o medo inerentes ao perigoso e desconhecido mundo do adoecimento. Toda sua rotina é transformada, a família, os amigos, o lazer, o esporte, os estudos, são substituídos por longos períodos de internação, exames, medicações e inúmeras restrições – o “não pode” passa a ser palavra de ordem. Nesse contexto, o hospital se representa como um ambiente de limitações e confinamento, desconhecido, e, na maioria das vezes, de dor, tristeza e solidão (RODRIGUES;

PASSEGGI; OLIVEIRA, 2017). Além de se configurar como um direito, o acesso e a continuidade da escolarização da criança durante o tratamento de saúde, seja ela na classe hospitalar (quando impossibilitada de frequentar a escola regular em virtude do tratamento), seja na escola regular (quando apresenta melhoras em seu quadro clínico e é liberada para frequentá-la), passa a ser uma importante ferramenta para a melhoria de sua qualidade de vida e em seu processo de cura, pois, como sublinha Paterlini e Boemer (2008, p. 1157) “[...] a preservação dos processos sociais e a frequência à escola, podem contribuir para que ela cultive acesa a esperança de sobreviver por meio da ‘construção’ de seu futuro”. Daí que, neste trabalho, objetivamos

partilhar reflexões resultantes de nossa pesquisa de Mestrado em Educação, em desenvolvimento, que investiga as experiências vivenciais narradas por crianças em tratamento oncológico, acerca da inserção e reinserção escolar. Temos por ambição romper com a ideia que a criança, por causa de sua pouca idade, não é capaz de refletir sobre si, sobre a escola e sobre o mundo, levando em conta sua alteridade, objetivando “[...] reivindicar, com ela, a legitimidade do que diz sobre si e sobre a escola como algo digno de interesse em matéria de educação, notadamente, para a pesquisa educacional, a formação de professores e as políticas públicas” (PASSEGGI, 2014). Ancoramos nossas proposições nos princípios teórico-metodológicos da pesquisa

<sup>1</sup> SEEC/RN - PPGED/UFRN. E-mail: senadaht@yahoo.com.br

<sup>2</sup> PPGED/UFRN. E-mail: mariapasseggi@gmail.com

(auto)biográfica com crianças em educação, nos estudos da infância e na psicologia narrativa, inserindo-se em uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico e em uma perspectiva longitudinal. A referida pesquisa integra um projeto mais amplo, "Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância?", financiado pelo CNPq (Processo nº 462119/2014-9), desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, (Auto)Biografia, Representações e Subjetividades (GRIFARS-PPGE-UFRN-CNPq)<sup>3</sup>. Em rodas de conversa em que interagem – a criança, a pesquisadora e um pequeno boneco alienígena que vem de um planeta que não tem escolas –, as crianças são convidadas a falarem sobre a escola, o que mais gostam e o que não gostam nela. Ao final, lhe é sugerida a escrita de uma carta ou de um desenho para que o Alien leve para as crianças de seu planeta. A interação com o boneco alienígena possibilita às crianças entrarem em um universo de faz de conta, oportunizando o distanciamento necessário do mundo do adulto, possibilitando a transição entre a imaginação e a reflexão sobre o real.

Os diálogos tecidos entre a pesquisadora, o Alien e a criança se apresentam como uma abertura para a reflexão sobre a escola e seu papel no acolhimento à infância enferma. As narrativas apontam que para as crianças a escola surge como lugar de superação, convivência e desafios, e nos fornecem pistas sobre o processo de inserção e reinserção escolar dos infantes gravemente enfermas. É na voz da criança que aprofundamos o debate sobre as escolas da infância, com vistas a possíveis mudanças nas práticas pedagógicas e no desenho de Políticas Públicas para a infância, alicerçadas em uma proposta de educação básica de qualidade em nosso país (PASSEGGI et al., 2014). Concluímos que, ao narrar, a criança é capaz de atribuir sentidos à escola, enquanto espaço de acolhimento da infância e a si mesma como protagonista de sua própria história e ao mundo ao seu redor, daí que esta pesquisa revela a importância de escutar o que as crianças têm a nos dizer.

**Palavras-chave:** Câncer na Infância. Pesquisa (Auto)biográfica com Crianças em Educação. Inserção e Reinserção Escolar.

<sup>3</sup> Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância (MCTI-CNPq/Edital Universal - 14/2014, processo n. 462119/2014-9) – Parecer do Comitê de Ética – 168.818 HUOL-UFRN.

## REFERÊNCIAS

---

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **Projeto de pesquisa** - Narrativas da infância: o que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância. Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, (Auto)Biografia, Representação e Subjetividades. Natal: UFRN, 2014. Financiando pelo MICT/CNPq - Edital Universal - 14/2014, processo nº 462119/2014-9.

PATERLINI, A. C. C. R.; BOEMER, M. R. A reinserção escolar na área de oncologia infantil: avanços e perspectivas. **Rev. Eletr. Enf.**, 2008. p. 1152-1158. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a28.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

RODRIGUES, S. B. B.; PASSEGGI, M. C.; OLIVEIRA, R. C. A. Medeiros de. E quando a primeira escola é no hospital? In: SOARES, Ilma Maria Fernandes; ALMEIDA, Márcia Tereza Fonseca; MARTINS E SILVA, Renato (Org.). **Temas em debate**. Rio de Janeiro: Dicio Brasil, 2017. p. 74-100. (Série Ciclos Educacionais, v. II).

**EIXO TEMÁTICO 4: POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL HOSPITALAR E DOMICILIAR**

## NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: O QUE NOS DIZEM OS JOVENS SOBRE A INFÂNCIA COM DOENÇA CRÔNICA

Andréia Gomes da Silva<sup>1</sup>  
Maria da Conceição Passeggi<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como objetivo discutir os aspectos metodológicos da recolha de narrativas de jovens que (con)viveram com doença crônica na infância. Assim, esse trabalho é inspirado na pesquisa de mestrado: “Experiências educativas na infância com doença crônica”, cujo objetivo é investigar o impacto dessas experiências bem como as relações com o adoecimento. Pautamos nossa pesquisa na perspectiva da Pesquisa (auto)biográfica em Educação (DELORY-MOMBERGER, 2014, 2016; FERRAROTTI, 2014; PASSEGGI, 2011, 2014, 2016). Participam dessa pesquisa, 2 (dois) jovens que viveram experiências relacionadas ao ser doente crônico na infância, que durante o processo de descoberta e (con)vivência com a doença, foram

acompanhados educacionalmente na classe hospitalar/domiciliar em que atuava como docente a pesquisadora. O lócus da pesquisa é a Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva, da qual os participantes e a pesquisadora/professora possuíam vínculo institucional, os jovens como assistidos e a pesquisadora como professora contratada pela instituição<sup>3</sup>. Assim, por anos, estudantes e professora compartilharam saberes, incertezas, alegrias e tristezas, conquistas e dissabores da vida, um acompanhamento educacional que tinha por objetivo promover a continuidade da escolarização que ficava entre: instituição, hospital e escola. Utilizamos como técnica para recolha das narrativas dos participantes a entrevista narrativa apresentada por

Jovchelovitch e Bauer (2002) e Schütze (2010), dos quais defendem a entrevista narrativa como método de pesquisa qualitativa. Baseamo-nos também em Boudieu (1997) quando nos alerta para o risco da violência simbólica durante a entrevista, não colocando o participante em situação de constrangimento ou desconforto. Como preparação para realização das entrevistas aprofundamos nossos estudos sobre o método da entrevista narrativa e em experiências de outros pesquisadores nesta área. Realizamos as entrevistas com os dois participantes em dias alternados. A entrevista foi realizada na Casa Durval Paiva, num ambiente do qual os participantes frequentaram durante o período em que eram estudantes naquele espaço. Consideramos esse um fato relevante

<sup>1</sup> Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar do RN/SEEC. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andreia-lagoa@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente orientadora – PPGEd-UFRN. E-mail: mariapasseggi@gmail.com

<sup>3</sup> Docente na Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva no período de 2004 a 2009.

para minimizarmos o risco de violência simbólica. Ao chegarmos à sala, iniciamos com uma conversa informal, depois partimos para a entrevista, seguindo as etapas sugeridas pelos autores já citados. Esclarecemos aos participantes o objetivo da pesquisa e como se daria a entrevista, apresentamos o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e pedimos autorização para gravar a entrevista. Utilizamos como pergunta de partida: Que/quais experiências educativas vividas na classe hospitalar/domiciliar, durante o adoecimento, contribuíram na sua vida? Assim os participantes narraram sobre a temática apresentada, ficamos atentas ao sinal da coda narrativa, quando o participante conclui sua fala. Em seguida, retomamos a entrevista com questionamentos que consideramos relevantes, utilizando palavras que o participante já narrou, a fim de valorizar sua narrativa e estimulá-lo a continuar narrando. A intervenção do pesquisador deve acontecer o mínimo possível, buscamos oportunizar ao narrador, por meio de sua narrativa, refletir sobre os acontecimentos de sua vida. O pesquisador deve estar atento à coda final, da qual percebe que o participante concluiu, assim desliga o gravador e continua com uma conversa informal,

sendo essa a etapa de fechamento da entrevista. Consideramos o momento da entrevista narrativa o ápice da pesquisa, pois é nela que está o material empírico a ser analisado, onde o participante oferece suas narrativas e compartilha suas histórias de vida. Reconhecemos as narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa que valorizam a singularidade do sujeito trazendo consigo sua história de vida. Percebemos que as entrevistas fluíram como uma conversa, entre pessoas que se conhecem há muito tempo e desejam compartilhar suas experiências, nesse sentido dialogamos do Bourdieu (1997) quando nos apresenta a postura de horizontalidade que devemos ter com o entrevistado. Apesar da fluidez da entrevista reconhecemos que não há relação com o outro que não nos implique, na entrevista não é diferente, há uma implicação do pesquisador, assim Ferrarotti (2014) nos alerta que cada entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder. Corroboramos com Passeggi (2011) quando nos afirma que ao narrar o sujeito procura dar sentido as experiências vividas tendo possibilidade de ressignificá-las. Consideramos que durante a entrevista narrativa os participantes vivenciaram o processo de

reflexividade autobiográfica (PASSEGGI, 2014), narrando como percebem como seu o processo de escolarização na infância diante da adversidade de aprender e estudar no contexto hospitalar. Ter como participantes da pesquisa jovens que (con)viveram com doenças crônicas na infância, que foram nossos alunos, nos faz refletir sobre os aspectos da sobrevivência e (con)vivência com o adoecer. Buscaremos, ao concluir nossa pesquisa, apresentar os resultados apontados pelos participantes, por meio de suas narrativas, quais experiências educativas foram relevantes que contribuíram para os sujeitos que são hoje. O presente trabalho buscou enfatizar a importância da entrevista narrativa como método de coleta das narrativas autobiográficas, compreendemos a entrevista narrativa como recurso metodológico que contempla a individualidade e subjetividade do participante.

**Palavras-chave:** Doença Crônica na Infância. Pesquisa (Auto)biográfica em Educação. Entrevista Narrativa.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: \_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-732.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p.133-147, jan./abr. 2016.

FERRAROTTI, Franco. **História de história de vida**. Tradução Carlos Eduardo Galvão e Marai Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). Tradução Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**, Curitiba: CRV, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide Cunico; PALMA, Rute Cristina Domingos da (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica, infâncias e escola: diálogos intergeracionais**. Curitiba: CRV, 2016. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos).

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 210-238.

# DIREITO À INSALUBRIDADE: REALIDADE DOS PROFESSORES DE CLASSES HOSPITALARES EM TERRITÓRIO NACIONAL

Aline Ferreira Rodrigues Pacco<sup>1</sup>

Adriana Garcia Gonçalves<sup>2</sup>

Financiamento: CNPq

O atendimento educacional hospitalar é um serviço de extrema relevância para crianças e jovens em estado de internação, no entanto, atualmente não há políticas públicas brasileiras específicas que regem esse serviço, dessa forma, cada classe hospitalar norteia seu trabalho de um modo, bem como, cada professor que atua neste espaço possui diferentes condições de serviço, como por exemplo, o direito a insalubridade. A partir dessas considerações, o presente estudo objetivou verificar a abrangência do direito de insalubridade entre os professores de classes hospitalares em território nacional. Cabe destacar que os dados apresentados neste trabalho, são referentes a uma pesquisa de mestrado que bus-

cou abranger outros aspectos, além da abrangência da insalubridade, sendo eles a organização e funcionamento das classes hospitalares, bem como a formação docente inicial e continuada dos professores de classes hospitalares em âmbito nacional. Realizou-se um estudo de campo com uso de técnica survey (GIL, 2002). O material analisado foram questionários enviados aos professores das classes hospitalares do Brasil, sendo em formato on-line, que o mesmo foi construído e estava disponível por meio de um formulário no programa Google Docs. O link do questionário foi divulgado no grupo do Facebook "Classe/Escola Hospitalar" e no grupo do WhatsApp "Professores das Classes Hospitalares do

Brasil" que reúnem parte dos professores que atuam em ambientes hospitalares de todo o país. Ainda foi enviado o questionário para pesquisadores e gestores da área por meio de um grupo de e-mails dos mesmos, buscando assim abranger o maior número de participantes possíveis. A análise quantitativa dos dados foi realizada com a elaboração de tabelas. Já a análise qualitativa foi conduzida por meio de agrupamento por eixo temático a partir dos resultados das perguntas abertas constantes do questionário, bem como, mediante eixos já estabelecidos no próprio questionário, por meio das questões fechadas. Participaram do estudo 43 professores, sendo 13 da região Sudeste, dez da região Nordeste, 18 da região Sul

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos. E-mail: aline\_pacco@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos. E-mail: adrigarcia33@yahoo.com.br

da região Norte dois respondentes, ressaltando que não houve participantes da região Centro-oeste. Os dados demonstraram que à insalubridade, que pode ser descrita como a exposição do trabalhador a situações de risco que podem prejudicar a sua saúde, percebe-se que tal assunto se faz muito discutido na área, e que a maioria dos professores não recebe esse benefício (n=29). Apenas 14 professores relataram receber esse recurso. Segundo o documento do Ministério da Educação, "Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações" (BRASIL, 2002). É direito do professor de classe hospitalar receber um adicional ao salário referente à periculosidade. Ao indagar os professores sobre as mudanças necessárias ao serviço de classe hospitalar, notou-se que a questão da insalubridade apareceu com grande frequência. Considerando a ausência de legislações que tratem desse tema, cada órgão gestor rege de modo próprio a questão da insalubridade, como pode ser visto no excerto a seguir: "[...] falta de insalubridade aos profissionais desta ação" (PACCO, 2017, p. 28). Considera-se que estar inserido no ambiente hospitalar representa um risco para o trabalhador por ser tal ambiente cercado por diversos fatores que podem

acometer o profissional, como, por exemplo, vírus e bactérias de alta periculosidade e/ou resistência. Professores que atendem crianças e adolescentes hospitalizados em enfermarias pediátricas e que, em alguns casos, se encontram em isoladamente ou mesmo em leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), podem passar por situação de risco e, desse modo, a insalubridade deveria ser instituída para esse professor. Discute-se que, para garantir o direito de insalubridade para todos os professores, reconhecimento e para que os mesmos desfrutem dos direitos pertinentes e das condições de trabalho adequadas, seriam necessárias a implantação de políticas públicas voltadas para o serviço de classe hospitalar. Pode-se concluir que, que cada classe hospitalar é regida por um órgão diferente no país, assim, não há uma homogeneidade no trabalho desenvolvido, tal aspecto ocorre por falta de políticas públicas específicas para reconhecer e nortear esse serviço de suma importância, conseqüentemente, os direitos trabalhistas dos professores que atuam nesse serviço são distintos em cada região do país, prejudicando alguns profissionais, que deixam de receber a insalubridade, que é um direito para profissionais que

permeiam ambientes que geram algum tipo de risco. Espera-se que este trabalho possa ter contribuído com as áreas de conhecimento relacionadas à educação de modo geral, bem como, possa fomentar maiores discussões sobre o serviço de atendimento educacional hospitalar por meio das classes hospitalares que é tão importante e precisa ser norteadas de futuras pesquisas, bem como, direcionar discussões para implementação de políticas públicas que visam a garantia dos direitos dos professores das classes hospitalares em território nacional.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Classe Hospitalar. Insalubridade.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PACCO, Aline Ferreira Rodrigues. **Panorama das classes hospitalares brasileiras: formação e atuação docente, organização e funcionamento**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

## O PERFIL DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR EM RECIFE

Cristiane Rose de Lima Pedrosa<sup>1</sup>

A implantação da Classe Hospitalar Semear, em Recife, é bastante recente em relação ao contexto nacional e regional. Em virtude de ser a primeira do estado de Pernambuco tornou-se um núcleo, um laboratório de construção dessa modalidade de ensino ligado à Divisão de Educação Especial da Secretaria de Educação de Recife, à medida que vai vivenciando os processos vão se construindo, reconstruindo a fim de consolidar mais essa política educacional local. O presente trabalho objetiva apresentar o processo de estruturação do perfil do professor da rede municipal para atuar no atendimento pedagógico hospitalar de Recife enquanto necessidade desta nova demanda educacional. Diante das pesquisas e vivências da classe hospitalar, o atendimento pedagógico no hospital é materializado considerando as neces-

sidades individuais do estudante neste universo, respeitando as diversidades e particularidades, a fim de criar possibilidades de superação das dificuldades peculiares do estudante em estado de adoecimento. Nesse cenário compreendemos que o professor que atua no hospital necessita apresentar postura e fazer pedagógico distinto da escola regular, enxergar além dos olhos o contexto diário neste universo para atender as reais necessidades do estudante, a dinâmica cotidiana, bem como as características próprias dessa turma multisseriada. Essa ação pedagógica apresenta especificidades próprias para contemplar o livre acesso à educação da criança e do adolescente em tratamento de saúde, consequentemente, requer um trabalho com diversas interfaces de atuação. Há de se considerar que o internamento, em parti-

cular do câncer é um período de grande vulnerabilidade e incertezas na vida desse estudante. No âmbito teórico metodológico a escola hospitalar, segundo Fonseca (2002, p. 14), "se permeia de uma ecologia particular, e sua existência não é de fato efetiva se sua prática pedagógico-educacional não for considerada e elaborada com base na compreensão das interligações dos diversos aspectos de sua realidade [...]".

Os estudantes enfrentam diariamente diversas agressões no corpo com os distintos, invasivos, mas imprescindíveis procedimentos médicos. Sofrem com as consequências das medicações prescritas, com as ameaças na piora da saúde, com o esgotamento das possibilidades de cura, e até mesmo com a insegurança em relação à finitude da vida. Na luta pela cura, dedica-se em sua totalidade

<sup>1</sup> Prefeitura de Recife/Grupo de Ajuda à Criança Carente com Câncer – Pernambuco. E-mail: crisrose.pedrosa@bol.com.br

à saúde e afasta-se da educação, circunstância que acaba comprometendo à integridade do ano letivo. Ortiz e Freitas (2005, p. 29) afirmam que: "Ao instalar-se na unidade de tratamento, o paciente infantil, já infligido pelas incômodas sensações corporais, terá ainda, que assumir o enfrentamento das intercorrências adicionais [...]". O professor passa a integrar nas equipes de saúde do hospital com o propósito de oferecer atendimento pedagógico à criança e ao adolescente, vítima desse processo não apenas, a continuidade da aprendizagem escolar, mas a reintegração à escola e ao meio social de forma global em todas as suas respectivas dimensões: afetiva, física, emocional, psicológica e cognitiva. De acordo com o documento intitulado "Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar" (BRASIL, 2002), classe hospitalar é o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde seja na circunstância de atendimento em hospital-dia, e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola. O papel do professor no atendimento pedagógico hospitalar é de

grande relevância para os estudantes hospitalizados mesmo em atendimento temporário, pois para Fonseca (2008, p. 37) "O perfil pedagógico-educacional do professor deve-se adequar a realidade hospitalar na qual transita, ressaltando as potencialidades do aluno e auxiliando-o no encontro com a vida [...]".

Ao longo desses três anos de funcionamento, a Classe Hospitalar Semear enfrentou dificuldades no encaminhamento de professores para o exercício dessa função no hospital, sejam regentes ou substitutas para o cumprimento da hora aula atividade, de licenças médicas e licença prêmio nos possibilitou a reflexão: que perfil deve ter o professor que dá aula no hospital? Diante do exposto e de algumas experiências vivenciadas e compreendendo a importância desse profissional para assegurar e garantir a educação destes estudantes, realizamos diversas reuniões, estudos e num trabalho coletivo traçamos um perfil para o professor destinado a atuar nesta modalidade de ensino, elencando as seguintes características: estar apto a romper barreiras significativas e atuar no ambiente hospitalar que difere do ambiente escolar regular; conhe-

cer e seguir as normas estabelecidas pelo hospital; apresentar capacidade de ressignificação em situações de dor, sofrimento e perda, de adaptação em situações adversas, mudanças bruscas de rotina, intercorrência e atendimento médico; ter a capacidade de trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais; apresentar disponibilidade para o trabalho em equipe multidisciplinar; identificar situações pedagógicas e necessidades educacionais especiais de cada estudante, respeitando suas particularidades a fim de viabilizar soluções favoráveis no processo de aprendizagem e no fortalecimento da integração entre estudante, família e escola de origem; realizar adequações curriculares e mudanças organizacionais necessárias objetivando traçar estratégias de ensino apropriadas que considere limite, ritmo e estilo de cada estudante; definir e implantar estratégias de flexibilização, adaptações curriculares; propor procedimentos didático-pedagógicos e práticas alternativas que alavanquem o processo de ensino-aprendizagem individual do estudante, considerando o trabalho desenvolvido nos leitos e na classe multisseriada; adequar e adaptar diaria-

mente ao ambiente hospitalar atividades, materiais, planejamentos, registros e avaliações do estudante, respeitando o tempo pedagógico de cada um e sua situação física, psicológica e emocional.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar.  
Perfil Profissional. Atendimento  
Pedagógico Hospitalar.

## REFERÊNCIAS

---

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

FONSECA, Eneida Simões da. Implantação e Implementação de Espaço Escolar para Crianças Hospitalizadas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 2, p. 205-222, jul./dez. 2002.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2 ed. São Paulo: Memnon, 2008.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar**: caminhos pedagógicos entre a saúde e a educação. Santa Maria: UFSM, 2005.

Catálogo da publicação na fonte. Secretaria de Educação a Distância – SEDIS/UFRN.

Anais: III Seminário Regional sobre Atendimento Educacional Hospitalar [recurso eletrônico] / Organizado por Jacyene Melo de Oliveira Araújo. – Natal: EDUFRRN, 2019.  
92 p. : 1 PDF

Modo de acesso: <https://repositorio.ufrn.br>  
ISBN 978-85-425-0846-8

1. Educação. 2. Atendimento hospitalar. 3. Seminário. I. Araújo, Jacyene Melo de Oliveira.

CDU 37  
A532

Elaborado por Verônica Pinheiro da Silva – CRB-15/692.

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRRN – Editora da UFRN  
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário  
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil  
e-mail: [contato@editora.ufrn.br](mailto:contato@editora.ufrn.br) | [www.editora.ufrn.br](http://www.editora.ufrn.br)  
Telefone: 84 3342 2221



Este livro foi produzido pela  
equipe editorial da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte.

## REALIZAÇÃO:



DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS E POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CURRÍCULO

## APOIO:

